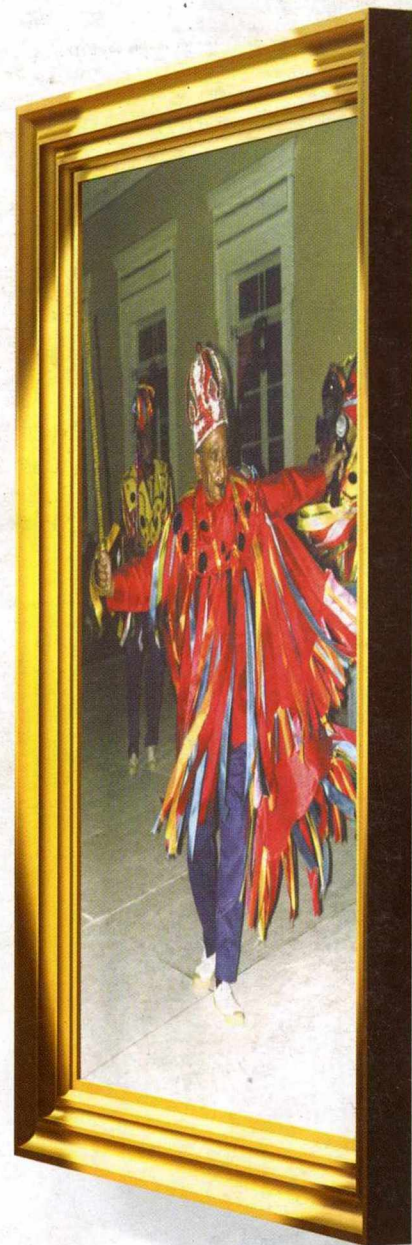


# PREÁ

## Revista de cultura

Natal, RN - N° 1, Maio, 2003



## O mestre e o boi

O mestre Manuel Marinheiro conta a história do Boi de Reis que herdou do pai e mantém até hoje



### Entrevista

O filósofo Pablo Capistrano diz que literatura e filosofia podem ajudar a 'recolar' o mundo



### Crônica

A jornalista Sheyla Azevedo narra a história de Severina, que trocou o interior do Estado por Veneza



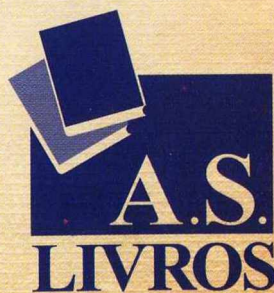
### Reportagem

O jornalista Gustavo Porpino escreve sobre o movimento cultural de Martins

# O QUE VOCÊ QUER VIVER NAS PRÓXIMAS HORAS?

panorama

Cada livro é uma viagem. Pode ser para o universo da comédia, para o território da ficção, para o mundo do romance, para a realidade das profissões. Na A.S. Livros você escolhe entre milhares de títulos, onde cada página é uma grande e agradável surpresa. Como nas páginas desta edição inaugural da revista Preá. Salgado Filho . Praia Shopping . Natal Hospital Center . Mossoró . Tel.: (84) 206.9099



*“O exercício do poder para quem quer apenas o benefício próprio é fácil e agradável. Mas para quem o exerce com vistas ao bem comum é ao mesmo tempo uma atividade honrosa e sofrida”.*

*Governadora Wilma de Faria*

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO  
Rua Jundiá, 641 - Tirol - CEP 59020-120  
Fone/fax: (84) 221.0342

**Governadora:**

Wilma Maria de Faria

**Diretor-Geral:**

François Silvestre de Alencar

**Diretor:**

Laércio Bezerra de Melo

**Assessor Cultural:**

Nei Leandro de Castro

PREÁ - REVISTA DE CULTURA DO  
RIO GRANDE DO NORTE  
ANO I Nº 1  
MAIO/2003

**EDITOR:** TÁCITO COSTA

tacito@fiern.org.br

**EDITOR ASSISTENTE:** GUSTAVO PORPINO

gporpino@hotmail.com

**DIAGRAMAÇÃO:**

LUCIO MASAARI

**FOTOS:**

JOÃO MARIA ALVES  
CANDINHA BEZERRA  
GIOVANNI SÉRGIO

**6** Os invejosos  
da Aldeia  
Nei Leandro de Castro

**Entrevista:**  
**Pablo Capistrano** **11**  
Tácito Costa

**25** Canal 100  
Rubens Lemos Filho

**O encontro do  
romance com a  
reportagem** **26**  
Carlos de Souza

**34** Martins  
Gustavo Porpino

**Agora é tarde...  
Inês é morta?** **42**  
Aldinida de Medeiros

**44** Boi de Reis  
Alex de Souza

## A Palavra da Casa

**François Silvestre**  
(Diretor-geral da Fundação José Augusto)

Quando comentei com um amigo da intenção de publicar uma revista de cultura que não fosse limitada a pequenos círculos de leitores, que fosse ao mesmo tempo leve e bonita, que chegasse aos grotões e de lá trouxesse informações, que divulgasse por lá o que se faz por aqui e carregasse daqui notícias pra lá, ele então me sugeriu um nome. “Chame de Fênix essa revista”. E explicou as razões do seu nome. A ave mitológica que ressurgue das cinzas, assim como é a cultura popular, que a elite teima em queimá-la e ela renasce das cinzas como uma Fênix, bela e imortal.

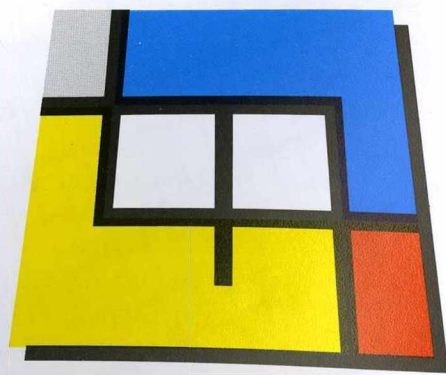
Gostei da idéia, mas não queria dar à revista um nome tão distante da nossa cultura popular. E que bicho se parece mais com uma Fênix quanto o Apereá, sincopado para Preá, que desaparece do sertão nas estiagens mais longas, nas secas mais cruas, retornando nas invernadas e fazendo paragem nas margens dos córregos e riachos?

Reanima a espingarda de pederneira e alimenta com carne de franca riqueza protéica as famílias de agricultores e caçadores.

A revista Preá vai cumprir seu papel. Esse é o sonho que o governo de Wilma de Faria tornará realidade juntamente com a implantação das Casas de Cultura Popular pelas várias regiões do Estado.

Nela são proibidos o preconceito e a censura. Quem quiser participar terá espaço. ■

F U N D A Ç Ã O  
JOSÉ AUGUSTO



## O FAZEDOR DE ASSOMBROS

**Carmen Vasconcelos (poetisa)**  
**Para Cândido Rolim (poeta)**

O ítalo-cubano Italo Calvino, morto em 1985, foi um domador de palavras. Ele recriava a linguagem por mirabolantes malabarismos. Por arte mágica. Recriando a linguagem, recriava as coisas, como um demiurgo faz o mundo porque o pronuncia. Descerrava, não cortinas, sentidos e significados.

Seu “Cosmicômicas” pode ser um emblema do seu artesanato. Também o pode ser o “Castelo dos Caminhos Cruzados”. Ou “Se Um Viajante Numa Noite de Inverno”. Encontramos provas de seu dom feérico em qualquer de suas obras, mas nenhuma é tão instigante e encantatória quanto “As Cidades Invisíveis”, um misto de romance, conto, poesia lírica e aventura épica das inquietações crescidas nas crisálidas no coração dos homens.

“As Cidades Invisíveis” é um livro de símbolos. Ou, como quis o próprio Calvino, um livro-símbolo.

Desde Gilgamesh, passando por Homero, Virgílio, Dante, o ciclo arturiano, Camões e Joyce, o ser humano viaja para achar-se, compreender suas perplexidades ou então despertar suas perplexidades. Calvino começa sua odisséia das inquietações humanas evocando as viagens do jovem veneziano Marco Polo, um dos embaixadores do sedentário imperador Kublai Khan aos lugares mais longínquos de seu vasto domínio.

No início, sem poder comunicar-se com palavras, pois não conhecia a língua local, Marco Polo fala com seu rei através de mímica, pulos, figuras, objetos, gritos de alegria ou horror, pantomimas improvisadas para servir de relatórios sobre as

mais diversas cidades. Assim, Kublai compreendia seu império: por representação, emblemas. E mesmo quando, muito depois, Marco Polo já falava a língua tártara, a força dos símbolos perdurava, ao lado da força das palavras, que, afinal, são os enigmas e as dádivas de Marco Polo ao imperador e de Italo Calvino aos seus leitores.

Com palavras, Calvino inventa cidades, mas essas cidades não são apenas lugares. São também tempo, homens, armas, desgraças, êxtases. Suas cidades são a multiplicação de um império e as múltiplas faces do espírito humano.

Com palavras, Calvino cria um tipo de beleza mais comumente encontrado nas artes plásticas, como se perfurasse a literatura e fizesse jorrar a sua matéria, derramar-se em quadros, esculturas, monumentos. Letras viram tinta, viram gesso, viram bronze, viram mármore. Viram visgo, viram teias pegajosas. As palavras de Calvino envolvem o leitor em cada uma de suas cidades. Traçando a cartografia do império mongol, ele nos confronta com linhas e caminhos e nos conduz a respostas para perguntas muitas vezes ainda nem formuladas, apenas latentes dentro dos homens e das mulheres.

O livro é romance? É conto, prosa poética, novela? Tudo isso. É a literatura transcendendo seus gêneros. As cidades são contos, feitos de poesia em prosa, tecidos em uma novela, ou um romance, se você preferir. Cada cidade, autônoma como uma nação, tem seu povo, sua língua, sua fé. Explicam-se umas através das outras, porém cada uma pode suscitar uma surpreendente compreensão ou esfacular um entendimento cristalizado. São como cada circunstância da vida. Estão entrelaçadas, como entrelaçadas no coração do homem estão as suas paixões, e cada uma é soberana em sua especificidade, mas nunca absoluta.

Por que ler “As Cidades Invisíveis”? Ele não é um livro útil nem prático (ainda bem). Também não contém fórmulas de felicidade. Ora, exatamente por isso. É um livro para ler, reler e nunca mais deixar de ler, enredar-se nos segredos sob as construções de palavras, que se revelam a cada leitura e nunca param de se revelar, enredar-se em si mesmo, como acontece, afinal, quando nos envolvemos com qualquer ato de magia. ■

## OS INVEJOSOS DA ALDEIA



## Nei Leandro de Castro (escritor e poeta)

Em certa aldeia, banhada por um belo e sereno rio, havia dois vizinhos que à noite punham suas cadeiras na calçada e, dia após dia, ano após ano, alimentavam conversas dessa natureza:

- Imagina que o fulano comprou um carro novo. Não sei com que dinheiro, mas comprou.

- Pior não é isso - dizia o outro. - Você sabia que sicrano, que nunca deu um prego numa barra de sabão, vai se aposentar com uma aposentadoria milionária?

- Não! - resmungava o primeiro, espumando de raiva.

- Isso não é para o nosso bico, compadre. É pra quem tem costas largas, pra quem nasce com as nádegas para a lua cheia.

Sempre havia casos que davam margem a seus comentários. E se não havia, os vizinhos lembravam estórias de sucesso alheio e pessoas bem-sucedidas, que causavam a mesma indignação de quando narradas pela primeira vez. Diziam-se abandonados por Deus, sentiam-se injustiçados pela vida, pois se achavam mais merecedores de dinheiro e bens do que aqueles bafejados pela sorte. Sofriam amargamente com a ingratidão do destino.

- Chego a pensar que Deus deu as costas para mim - dizia um.

- Tenho certeza de que Ele jamais me olhou - completava o outro.

E assim foram vivendo, alimentando-se de cobiça e inveja. Não eram amigos, eram parceiros do olho grande, do despeito, da vontade que tudo desse errado com os outros. Ao fim de cada conversa, iam para suas casas, contaminavam o ambiente do lar, recostavam suas mágoas em travesseiros cheios de bílis e tentavam conciliar o sono dos injustiçados.

Com o tempo, as observações maldosas contra os seus conterrâneos foram substituídas por imprecações a Deus.

- Que Deus é esse, que só favorece os vagabundos e abandona os seus filhos mais honestos? Quem ama os vagabundos boa bisca não é.

- Minha aposentadoria é uma miséria. Mas a daquele cretino metido a besta é um tesouro. Será que Deus, onipresente, todo-poderoso, não vê uma injustiça dessas?

- Desse jeito não tem crença que resista! - disse o que já andava pensando em abandonar a religião em que fora educado.

Numa noite, quando a lua que havia surgido por trás dos morros derramava uma luz leitosa sobre a aldeia, um anjo apareceu aos dois vizinhos.

- Suas preces e seus lamentos foram ouvidos - disse o anjo. - Fui enviado para realizar os seus desejos, mas com uma condição: aquilo que for concedido a um será dado em dobro ao outro.

Passado o espanto inicial, um dos vizinhos começou a pensar: bom, eu gostaria de pedir uma mansão digna de Hollywood, com a mobília mais cara do mundo, mulheres lindas à minha disposição e um cofre imenso onde dólares e jóias se reproduzissem por si mesmos. Mas, concluiu, se eu pedir isso, ele vai ter duas vezes o que eu terei. Não é justo.

O outro vizinho também estava pensando: vou pedir um apartamento de cobertura em Miami, com vista para o mar, um exército de escravas brancas, uma frota de limusines e bilhões de dólares depositados em todos os paraísos fiscais. Mas parou espantado: e o outro terá tudo isso em dobro? Não pode.

Depois de pensar por uns longos minutos, um deles disse:

- Peça você primeiro.

- Peça você, ora! Sabidinho, não é?

- Eu peço e você ganha o dobro do que vou ganhar... Tá pensando que eu sou besta? Besta é coco!

Começaram a discutir e em pouco tempo estavam trocando tapas e desaforos. O anjo esperou um pouco e resolveu dar um basta naquela história.

- Bom, se nenhum dos dois fizer o pedido, eu vou-me embora.

Os vizinhos deixaram a discussão de lado e um deles, cheio de ira e revolta, resolveu pedir:

- Senhor, cega-me de um olho e paralisa uma de minhas pernas.

Realizado o desejo, aquele que não fez o pedido ganhou o dobro da desgraça do outro.

Baseada numa lenda judaica, essa história serve para nos lembrar que a inveja é um mal secreto que destrói a dignidade e corrói a alma. O invejoso quer menos o seu próprio bem do que o infortúnio do outro. O invejoso nunca está satisfeito com a desgraça ou a bem-aventurança alheias. Quanto mais desgraça, maior o seu prazer. A bem-aventurança de outro, mesmo aquela conquistada com todos os méritos, é um golpe terrível no espírito invejoso. A inveja está presente na intriga dos grandes reinados e já fez rolar muitas cabeças coroadas. Está igualmente nos gabinetes da burocracia, onde fazer o mal, prejudicar, pôr empecilhos é uma meta executada com mórbido prazer.

A cobiça quer tudo, não importa por que meios. A cobiça não se contenta com os seus bens, ela quer os bens que não lhe pertencem. A cobiça conduz o ladrão pé-de-chinelo ao primeiro furto, leva o político a planejar falcatrúas, desonra o magistrado, faz com que alguns empresários sonhem com um só paraíso: o fiscal.

Inveja e cobiça convivem entre si, fazem o conluio do ódio, como os dois vizinhos em suas cadeiras na calçada, na paz da aldeia banhada por um rio belo e sereno. ■

# O Canto do Seridó

**Gustavo Porpino (editor-assistente)**

Tradição, música e talento se misturam no Seridó. A região da carne de sol também tem alimento para a alma. A Filarmônica 24 de Outubro, popularmente conhecida como a Banda de Cruzeta, comprova que a musicalidade brasileira está presente até nas regiões mais inóspitas como o semi-árido potiguar.

O maestro Humberto Carlos Dantas, o Bembém, costuma autografar orgulhoso o primeiro CD da banda pelas ruas de Cruzeta. Orgulho de quem sabe das dificuldades em se manter uma filarmônica nestes tempos em que os meios de comunicação de massa abrem pouco espaço para manifestações culturais. “É preciso fazer um público da música clássica e instrumental em geral”, afirma, destacando ainda que nunca faltou “apoio moral do povo seridoense”.

O disco, lançado em dezembro de 2002, traz doze composições de autores da região. “Royal Cinema”, valsa composta por

Tonhaça Dantas, e “Ernesto Galvão”, obra de Felinto Lúcio Dantas, dividem espaço no CD com clássicos mais recentes de Márcio Dantas, Orilo Segundo e outros. “A banda de Cruzeta é a referência

para as demais bandas do Rio Grande do Norte”, atesta João Batista da Silva, regente e professor de música em Serra Caiada.

O maestro Bembém gosta de fazer uma comparação com o feijão de cada dia para provar que o povo gosta de música de boa qualidade. “Quando a pessoa come um feijão bem

temperado passa a achar aquele feito na água e sal a coisa mais ruim do mundo. As crianças deviam ouvir Mozart nos intervalos das aulas ao invés de músicas sem conteúdo”, comenta. Aos 11 anos ele já participava da Filarmônica Justino Dantas, em São José do Seridó.

“A Filarmônica Justino Dantas devia ser reativada. É preciso incentivar mais a cultura”, destaca o maestro, lembrando dos tempos em que a banda de São José do Seridó ensinava o ofício da música para dezenas de crianças.

Manter viva as bandas do interior não é tarefa fácil. Bembém não esconde a gratidão com a professora de música Margareth Keller, responsável pela ida à Suíça dos músicos seridoenses Alzimar Trajano da Silva e Fernando Fernandes. Alzimar, 22 anos, está tendo a oportunidade de estudar jazz durante quatro meses na Escola de Música de Luzern, cidade histórica a 70 km da capital Zurich. Fernando, 23, saxofonista da banda da Aldeia S.O.S de Caicó, seguiu para a viagem de estudos com o intuito de dividir o aprendizado com os músicos locais.

Alzimar toca trombone na Banda de Cruzeta desde os 13 anos. “É mais do que realizar um sonho. Gosto muito de jazz e pretendo transmitir o conhecimento que eu adquirir aos meus colegas daqui”, diz ele, lembrando o propósito do intercâmbio de transferir o conhecimento de um novo estilo musical.

Margareth Keller visita Cruzeta a cada dois anos desde 1989. A faixa 9 do CD da Filarmônica 24 de Outubro, a valsa “Great Keller”, composta por Luiz Carlos, é uma homenagem à mãe da professora. O Seridó e a Suíça possuem realidades bem distintas, mas nas bandinhas de sopro é a combinação de acordes que forma um som harmonioso. A mistura do jeito seridoense de fazer música com a tradição européia certamente irá enriquecer a musicalidade da banda de Cruzeta. Vida longa a Keller e às nossas bandas. ■

*O regente João Batista da Silva, o João da Banda, fundador da banda de Carnaúba dos Dantas juntamente com o Mestre Pinta, concluiu o curso técnico de música da UFRN com habilitação em regência. O recital de conclusão de curso feito com a Filarmônica 24 de Outubro comprova que o Rio Grande do Norte tem mais um músico capaz de formar novos talentos.*

*João da Banda comanda os cursos de flauta-doce e bandas na Academia de Música Serra em Toques e Cantos, no município de Serra Caiada. A Academia também vai oferecer cursos de sanfona e violão no segundo semestre. “Estamos ensinando quase cem crianças na Academia”, diz o regente.*

*A música sempre esteve presente na vida de João. Já aos 11 anos participava das apresentações da Banda Municipal de Acari, cidade onde nasceu. O convívio com o maestro Felinto Lúcio Dantas, conhecido como o “compositor de inspiração divina” e autor de mais de mil peças, serviu para aumentar ainda mais a paixão de João pela música. “Conheci Felinto Lúcio lá em Carnaúba dos Dantas em 1978, também não posso esquecer de Mestre Pinta, com quem aprendi muito”.*

Alzimar Trajano: estudos na Suíça

# Memória

## Virtual

Internet também é cultura. O sítio Memória Viva, idealizado há cinco anos pelo jornalista Sandro Fortunato, está desde o seu lançamento entre as dez páginas mais acessadas no Rio Grande do Norte. O Memória Viva resgata personalidades ligadas à história brasileira e potiguar. Nomes como o de Carlos Drummond de Andrade, Câmara Cascudo, Jesiel Figueiredo, Zila Mamede, Manoel Dantas e Nísia Floresta são apresentados na página para manter viva na memória dos internautas a vida e obra de cada um deles.

O portal vai ganhar mais páginas relacionadas a personalidades do Rio Grande do Norte. Os próximos nomes potiguares a fazer parte do Memória Viva ainda não estão definidos, mas o fato do sítio ter atingido o Top 3 do IBest 2003 na categoria Regional - Rio Grande do Norte, uma espécie de indicação ao Oscar da Internet brasileira, deve contribuir para a inclusão de mais nomes da terra. "O site de Café Filho será novamente disponibilizado e novos nomes do RN serão acrescentados", lembra o idealizador da página, destacando ainda que pretende utilizar o livro 400 nomes de Natal como base de pesquisa.

"Há vários potiguares homenageados no site pelo fato de ele ter nascido e estar hospedado em um provedor no Rio Grande do Norte. Apesar de, hoje, eu não morar no Estado, atualmente moro em Brasília, tenho uma ligação muito forte com o Rio Grande do Norte, onde passei 15 anos da minha vida", diz Fortunato.

Monteiro Lobato e Carlos Drummond de Andrade estão entre as páginas mais visitadas no sítio Memória Viva. A página dedicada a Drummond apresenta áudios com a voz do poeta recitando vários de seus poemas. "Os áudios com a voz de Drummond são uma raridade", comenta Sandro Fortunato, acrescentando mais uma novidade para os internautas que gostam de literatura. "Outros dois sites estão em fase de revisão: Gregório de Matos e Lima Barreto. Inicialmente, o de Gregório apresentará 100 poemas, mas com as atualizações já previstas chegaremos à totalidade da obra. O de Lima Barreto será lançado com quase a totalidade dos seus livros para download".

# PABLO

## Literatura e filosofia podem 'recolar' o mundo

**Tácito Costa (editor)**

Ganhador do Prêmio Câmara Cascudo de Prosa, da Fundação Capitanía das Artes, em 2002, com "Pequenas Catástrofes: um livro sobre a banalidade do mal", o filósofo e poeta Pablo Capistrano, 29 anos, é também autor dos livros "Domingo no Mundo" (poesias), editado em 1999 pela Boáguá Editora e "Descoordenadas Cartesianas - Em três ensaios de quase filosofia" (ensaios e poesias), editado em 2001 pelo Sebo Vermelho. Formado em Filosofia pela UFRN, com especialização em Metafísica, é remanescente do Sótão 277, movimento cultural criado por um grupo de jovens no início dos anos 90 e que se estendeu até 1995. Nos últimos três anos tem sido uma presença constante na imprensa de Natal com instigantes artigos, onde aborda os mais variados assuntos. Nessa entrevista, Pablo Capistrano fala sobre sua trajetória intelectual, influências culturais, Sótão 277, crítica a universidade brasileira, diz que é possível filosofar em português e defende o engajamento intelectual no debate público.

# CAPISTRANO

**PREÁ** - Gostaria que você começasse falando sobre "Pequenas Catástrofes, um livro sobre a banalidade do mal", que ganhou o Prêmio Câmara Cascudo de Prosa da Fundação Capitanía das Artes.

**PABLO** - O texto trabalha uma narrativa que vai levando você a observar como o interesse e a busca de realizar coisas boas ou buscar o bem podem produzir um mal residual muito grande. Eu faço referências ao nazismo, à idéia de raça perfeita, à busca por produzir geneticamente ou pedagogicamente (como pensava Platão) pessoas belas e boas. Essa é a primeira idéia do livro, de como é que surge este mal e como ele passa despercebido nas relações entre as pessoas. Aparentemente ele é banal, está envolvido no dia-a-dia, no cotidiano. Há uma idéia de mal como força natural caótica que aparece sempre de modo indireto nos filmes de Kurosawa e uma outra de mal como atributo do espírito humano. A outra idéia do livro é a da noção de realidade, ou seja, nem sempre aquilo que nós achamos ser o real é o real mesmo. O personagem do livro reencontra um amigo de infância, que tinha ido embora, e esse amigo fala de um projeto baseado na utilização de drogas psicotrópicas que fariam uma reconfiguração do DNA das pessoas, uma modificação na evolução da raça humana. Ele chama este invento de projeto Zaratustra, numa referência a Nietzsche. O personagem segue o amigo numa viagem à Europa para participar de um ritual de iniciação. Nesta viagem ele recebe esta substância e participa do projeto. A partir daí, ele começa a não ter critério de saber o que é real e o que não é real.

**PREÁ** - Você citou Kurosawa e no livro há também citações a Quentin Tarantino (cineasta americano). Que outras referências estão no livro?

**PABLO** - Duas referências básicas estão no livro. Uma delas é o cinema. Muitas pessoas até dizem que o livro apresenta uma narrativa extremamente cinematográfica, que ele daria um bom roteiro. Eu sou uma pessoa que cresceu com cinema, meu pai era aficionado por cinema. E a outra referência básica é a música. Tem uma citação a Lou Reed, tem histórias que falam sobre cultura pop, o rock, referenciais muito fortes na minha vida. E ainda temos a filosofia, que é a minha formação. Tem um elemento muito presente que é a filosofia nietzscheana, com a idéia de evolução, de transformação, de metamorfose, a idéia de que o homem é um ser transitório, de que ele não está pronto, que ele está se processando. Há também um referencial muito forte destas seitas místicas, da situação religiosa que o mundo vive hoje,



e que é algo que me interessa muito apesar de não pertencer a nenhum grupo, mas acho curioso essa proliferação de Messias e de pessoas procurando encontrar significados para a vida, esse shopping center esotérico em que o mundo se transformou.

**PREÁ** - Nos seus textos para os jornais você remete muito aos filósofos em geral, mas vejo poucas referências à Literatura.

**PABLO** - Eu lia muito Literatura antes de começar a estudar filosofia. Hoje em dia por estar fazendo mestrado - e isso traz um volume de leitura filosófica muito grande - eu estou lendo menos literatura, mas meus referenciais maiores estão na poesia. Em termos de romance eu tenho uma ligação com Kafka e os escritores da geração dele e ultimamente tenho me interessado mais pelos clássicos, como Cervantes e Dostoiévski.

**PREÁ** - Você citou alguns autores preferidos na literatura. E no cinema?

**PABLO** - Gosto muito do cinema alemão, desde a época do Expressionismo, gosto de Fritz Lang, daquele pessoal do começo de século até aquele cineasta dos anos 70, Werner Herzog. Mas também gosto do cinema americano, não sou um apaixonado, mas me interessa por alguns diretores como o David Lynch, por exemplo, ou o próprio Tarantino, que considero o grande nome do cinema americano nos últimos tempos.

**PREÁ** - Quais riscos existem neste trânsito que você faz entre filosofia, poesia, agora com o romance, os artigos de jornais, que você fala sobre cultura de massa e tantas coisas do dia a dia?

**PABLO** - É aquela história, você pode se tornar um especialista. O caminho do especialista é aquele que se dedica exclusivamente a uma única coisa e acaba se tornando o senhor daquela área, o dono da verdade, e esta é uma posição

confortável porque quando você é especialista em determinado assunto, praticamente, quase ninguém vai dialogar com você. As universidades estão cheias disso. Esse é um caminho árduo, pelo fato da pessoa ter que se dedicar durante anos ao mesmo assunto, e ela acaba se tornando senhor daquela área. Não é isso que eu quero. Não aprecio essa especialização excessiva, gosto muito de estabelecer relações e contatos entre as áreas, isso me dá prazer. Agora é perigoso, porque quando estabelecemos contatos podemos abrir margens para equívocos, por não dominar tudo. É muito mais fácil você encontrar deslizes em alguém que transita por várias áreas, do que em uma pessoa que está só em uma.

**PREÁ** - Essa sua participação no debate público através dos jornais diários, lembra um pouco aquela figura do intelectual engajado, que tem como referência Jean Paul Sartre.

**PABLO** - Quando tive a oportunidade de escrever em jornal, o intuito básico era de fazer um trabalho político, não partidário, mas de engajamento para que os intelectuais discutam questões da vida cotidiana das pessoas, interfiram com um olhar crítico. A idéia de Sartre, realmente é muito interessante, também a de Roland Barthes (com as 'Mitologias'), onde se discute o cotidiano dos franceses, a cultura de massa, dando um olhar crítico à estas situações. Esta é a grande função social do intelectual, lógico que não se restringe a isso, existem outras coisas, mas no

caso do jornal a presença do intelectual é esta: pegar os assuntos que estão circulando e tentar dar um olhar crítico diferenciado, fazer com que as pessoas tenham uma outra visão, já que o olhar cotidiano elas já têm. Também é interessante que tenham mais pessoas fazendo isso porque você vai ter vários enfoques para poder construir uma visão mais geral.

**PREÁ** - É possível filosofar em português?

**PABLO** - Se eu fosse heideggeriano diria que é difícil, porque há uma certa tradição heideggeriana que entende a filosofia como um resultado de uma matriz lingüística ligada ao grego ou ao alemão, línguas bem mais analíticas que o português. A filosofia de certa forma é um imperialismo cultural. Nós não temos uma tradição de filosofia, somos um povo tropical, com uma cultura oral muito forte. O Brasil ainda não está alfabetizado, muito diferente da Grécia, de Roma. São heranças históricas e lingüísticas distintas, e alguns autores acham que você não deve dissociar pensamento de linguagem e que determinadas línguas, como o grego e o alemão, por serem muito analíticas facilitam o pensamento lógico e racional da filosofia. E têm a idéia de que não é da nossa cultura o pensamento; o brasileiro não teria essa cultura pois é mais voltado para a arte, para música, dança e a cultura do pensamento racional não estariam presentes. Eu acho o seguinte: as culturas não são coisas rígidas, se a nossa língua não é analítica ela pode vir a se tornar. Do mesmo modo se a nossa cultura é oral, mitológica, nada impede que um dia também se torne racional, lógica, como a européia.

**PREÁ** - Então, você acredita na possibilidade de se criar uma espécie de filosofia tropical?

**PABLO** - Sim. Alguns acham que é besteira. Mas temos bons referenciais como Tobias Barreto, Benedito Nunes, Antônio Cícero, Cláudio Ferreira Costa e Oswald de Andrade, um dos

grandes pensadores brasileiros, que apesar de não ser academicamente reconhecido como filósofo, teve a ousadia de propor a possibilidade de um pensamento brasileiro, tropical. Pensamento que nós não temos ainda porque nossa academia é fascinada por modelos estrangeiros, basta falar com sotaque. Isso atrasa o processo, mas é possível, sim, construir um pensamento brasileiro. Falta um pensador original que possa pegar as questões que o ocidente trabalhou e retrabalhá-las. Hoje a grande corrente filosófica é a americana. A Alemanha não produz mais nada tão interessante quanto na época de Heidegger ou da Escola de Frankfurt, a França também está girando em círculos em termos de produção e o que se produz de qualidade segue a corrente anglo-americana, que é uma filosofia muito "cientificista", que procura servir de aparato para a ciência. Eu acho que o Brasil, a América Latina e o Terceiro Mundo podem produzir um contraponto em cima disso, agora é preciso ter coragem, vontade e ousadia, não ficar ouvindo blá blá blá acadêmico que, às vezes, limita mais do que expande as possibilidades do pensamento.

**PREÁ** - Você não acha que o grande empecilho para que isso aconteça é a própria universidade brasileira?

**PABLO** - É, existe pouca ousadia nas universidades, que deveriam ser centros de produção científica, e acabam sendo pegadas pela armadilha do complexo de inferioridade que o brasileiro tem quanto à sua mentalidade intelectual. Talvez por não ter essa tradição

alfabética clássica, acaba baixando a cabeça para determinados modismos e não encara essa linha de pensamento frente à frente. Nelson Rodrigues tinha uma coisa magnífica. Ele dizia que a pior coisa que acontece ao brasileiro quando ele viaja é que ele deixa de ser brasileiro, vira inglês, francês, alemão, e quando volta não é mais brasileiro, é um brasileiro afrancesado e por aí vai. O deslumbramento do brasileiro com a Europa (especialmente a Academia) é muito grande, e isso é terrível porque você vê a cultura hindu ou islâmica, formada por países pobres, mas que têm um orgulho cultural imenso. A gente precisa criar isso, orgulho cultural. Temos que ser bairristas, não se isolar, mas ter o pensamento de que podemos dar nossa contribuição para a humanidade.

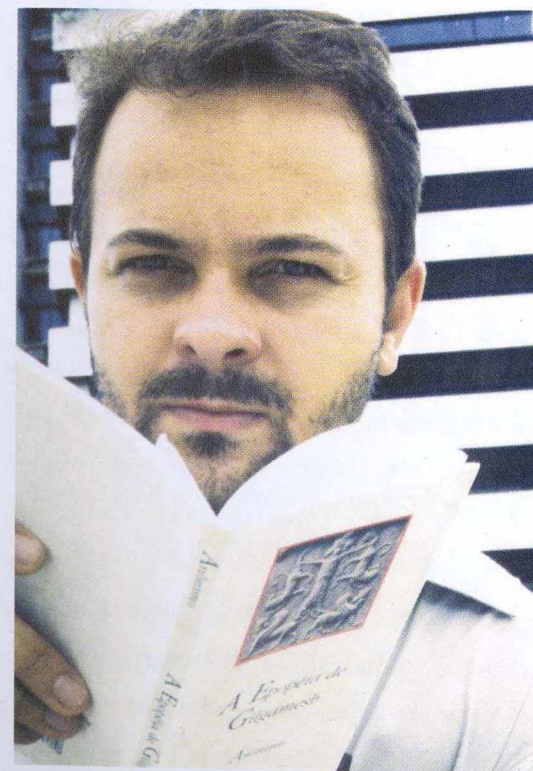
**PREÁ** - Em que a filosofia e a literatura podem ser úteis num momento em que a humanidade parece tomada pela 'loucura' e pelas guerras?

**PABLO** - Os hindus acham que vivemos a era da 'Kaliuga' (a faceta feminina de Shiva hindu, que é o Deus da destruição). Kali é a deusa do amor e da morte, muito perigosa, sombria e que representa a destruição, uma era de dissolução dos princípios e dos valores que constituem a sociedade. O sentimento que eu tenho é de que existe um vácuo de princípios. Que tipo de seres humanos nós somos? As pessoas não sabem responder, não somos mais cristãos como éramos antes dos anos 60, destruímos os valores tradicionais da sociedade na época e não colocamos outra coisa no lugar. Hoje existe um sentimento de desamparo, você olha de um lado para o outro e não se encontra. Então a Filosofia e a Literatura desempenham um papel fundamental porque são elas que vão ajudar a 'recolar' o mundo que está esfacelado. Devemos voltar a dar valor às humanidades, colocá-las no mesmo patamar da produção científica é algo fundamental, porque os gregos, por exemplo, não tiveram avanço tecnológico poderoso, mas tiveram um avanço no campo da produção humana imenso.

Nós temos hoje o império americano com um grande desenvolvimento tecnológico, mas não tem uma contrapartida de boa formação humanística. Que tipo de seres humanos nós vamos formar? A filosofia e a literatura ajudam nisso, pensar o ser humano, e isso é uma coisa que falta para a gente, basta olhar os currículos das escolas do ensino médio, recheado de disciplinas científicas.

**PREÁ** - Você acha que falta pensamento crítico à juventude em função do tipo de educação que ela recebe hoje?

**PABLO** - Na verdade uma educação tecnológica faz com que você aprenda a usar ou produzir coisas. Conhecimento filosófico-literário ajuda você a criar seres humanos. Para isso também se utiliza da tecnologia, só que não é a mesma que produz um aparelho



que reduz o gasto de energia elétrica de uma lâmpada, isso é útil e interessante, mas não ensina a ninguém que não se deve quebrar a lâmpada só porque a pessoa não pagou por ela. É importante que isto seja repensado pois a Filosofia e a Literatura fazem com que você repense determinadas atitudes, posturas e visões de mundo.

**PREÁ** - Você acha que as diferenças culturais resistirão à uniformização do mercado?

**PABLO** - Cultura não é algo morto, se for morto é porque já não existe mais, a exemplo da cultura clássica grega. Já a cultura brasileira é dinâmica, não tem como você bloquear a contaminação, por mais que seja fechada, pois é natural do ser humano abrir-se para outras culturas. Agora, isso não pode acontecer de uma forma passiva, você tem que receber o que vem de fora, não ser preconceituoso e mesmo sem querer dar uma contribuição. Por exemplo, ninguém vai falar inglês no Rio Grande do Norte como um britânico, será um inglês com sotaque nordestino, torto e diferente, não adianta por mais que se esforce. Já a banalização da cultura de massa é danosa. As pessoas que criam essa resistência cultural não podem se fechar, devem estar abertas, mas não recebendo passivamente, tem que transformar, modificar e fazer como Chico Science fez, misturar música eletrônica com coco, como fizeram nos anos 60 com as guitarras.

**PREÁ** - Em seu segundo livro, "Descoordenadas Cartesianas", foram publicados ensaios e poesias. Você continua fazendo poesias ou mudou de vez para o romance?

**PABLO** - Poesia... a última vez que fiz foi em 2000. Eu não acho que saiba escrever poesias, publiquei o livro porque era um material que eu já tinha pronto e estava com muita vontade de publicar, mas eu não me considero um poeta, porque acho que escrever poesia é muito difícil.

**PREÁ** - Naquele livro, uma das referências mais presentes é o poeta Paulo Leminsk. Quem são seus referenciais na poesia?

**PABLO** - Tenho um gosto muito grande pelo Leminsk, pelo Bandeira, também gosto muito de Drummond, dessa vertente mais clássica. O Leminski é o mais atual destes poetas. Ele conseguiu reproduzir um estado de espírito que poucos poetas conseguiram em mim, foi um impacto, talvez por sua influência oriental do haicai. Então, quando comecei a ler os textos dele gostei e aquilo foi muito forte. Agora um poeta que eu acho fantástico, tem um trabalho muito bom e é do Rio Grande do Norte é Miguel Cirilo. Foi uma pessoa que me assustou por fazer parte de uma vertente diferente do Leminsk, mas que consegue reproduzir o mesmo que ele, a auto-evidência da poesia, que quando você lê ela se explica. Se você consegue produzir um texto que tem essa força você está fazendo uma boa poesia, independente do estilo, foi isso o que me fez parar de escrever poesias, eu sentia que não tinha essa força.

**PREÁ** - Em um dos poemas do livro "Descoordenadas Cartesianas" você diz que gostaria de ser o maior poeta da sua rua. Continua com esta pretensão?

**PABLO** - Pelo menos do meu prédio!!! [risos] Todo ser humano tem seus sonhos de grandeza, não vou dizer que não acordo todas as noites suado, sonhando com o Prêmio Nobel de Literatura, todo mundo tem esses impulsos. Agora eu tenho a consciência muito

aguda da transitoriedade, sei que as coisas passam, acabam e que não podemos nos apegar a determinados tipos de ansiedades passageiras. Se um dia eu achar que vou encontrar fama com meu trabalho, isso passa, porque o máximo que eu vou conseguir é ganhar dinheiro, mas se eu conseguir produzir uma coisa que me satisfaça já vai estar legal. Eu não posso me seduzir pelo reconhecimento. Se as pessoas passam a lhe reconhecer, você cai. Marco Aurélio, antigo imperador romano, tem uma frase fantástica sobre isso: 'A glória póstuma é esquecimento e silêncio'. Então para quê vou passar minha vida procurando esse tipo de coisa? se eu ainda for o maior poeta da minha rua estou satisfeito.

**PREÁ** - O fato de seu pai (Franklin Capistrano) ser poeta contribuiu para que você decidisse também ser poeta?

**PABLO** - Meu pai é uma figura sempre presente na minha vida. Ele tem uma influência muito marcante sobre a minha formação intelectual e sobre minha formação moral, isso faz com que eu tenha muito medo de ser contaminado pelo trabalho dele, por isso que eu resolvi trilhar um caminho bem diferente e buscar outros espaços. Talvez até isso possa influenciar o fato de eu não escrever tanta poesia. Poesia é um campo que ele domina melhor que eu. Mas a influência dele foi muito forte. Quando eu era criança, vivíamos os anos 70 em um ambiente de contracultura. Antes dele se tornar um cristão engajado ele era marxista, trabalhava com teatro, enfim, havia um ambiente cultural muito forte na minha casa, todo mundo na cidade visitava nossa casa. A contracultura era marcante, Beatles, Rolling Stones, poesia de vanguarda. Eu cresci nesse ambiente, então tenho muitas influências.

**PREÁ** - Seu gosto estético é muito eclético, vai do Jazz, Clássico ao Rock, passando pelo Pop. Como é que é isso?

**PABLO** - Eu não gosto de estilos específicos, eu gosto de música. Se a música tiver algo que me chame a atenção, independente de seu estilo, eu gosto. Mas sempre digo: eu tenho músicas para ouvir e músicas terapêuticas. Por exemplo,

Bach é uma música que você coloca para ouvir, no Jazz, uma Billie Holiday, Chat Baker, são coisas que você tem que ter uma certa contemplação para poder escutar. E existem músicas que você coloca no rádio do carro, que eu adoro, por exemplo, o rock. Eu não escuto rock como quem escuta música erudita, eu ponho no meu carro e vou andar na cidade, às seis horas da tarde. Aquilo serve para me dar uma limpeza mental. Nirvana, Red Hot Chilli Peppers, Pixies são bandas que eu gosto, que compro cd's, mas não é o tipo de música que você escuta contemplativamente, é uma outra postura dentro da arte. Você pode ter aquela arte para receber e pode ter a arte para ajudar você a soltar aquilo que tem dentro de você.

**PREÁ** - Qual a avaliação que você faz hoje do Sótão 277?

**PABLO** - Tenho uma visão curiosa daquela época. Muita saudade do período, um período muito interessante do ponto de vista das nossas experiências pessoais. Todos nós do Sótão sobrevivemos, ao contrário do que muita gente esperava, inclusive nós mesmos [risos]. Mas o que acho mais interessante foi o seguinte: a produção estética do grupo não foi tão interessante quanto a produção existencial, aquilo que acumulamos naquele período, com aquelas incursões, com o tipo de relações que nós construímos, é como se tivéssemos construído uma base para podermos produzir nossos trabalhos posteriores, tanto na área de música, como Waldenor, na poesia, com Alexandre de Lia, o José Soares, na Tribuna.

Aquilo nos deu base, foi um aprendizado. A produção estética do período talvez não tenha tanto valor, afinal de contas a gente tinha muita sede, muita vontade, muito desejo, e pouca paciência, e às vezes a arte precisa de paciência, você tem que ter paciência para trabalhar, só o desejo de fazer uma boa obra não vai funcionar.

**PREÁ** - Em um dos editoriais do fanzine Peru Frio (lançado em 93 pelo Sótão 277), havia uma frase detonando Drummond, Bandeira, João Cabral, inclusive dizia "foda-se o puto do Leminsk". Agora, esses poetas aparecem como seus preferidos.

**PABLO** - Aquele editorial é interessante. Queríamos fazer uma coisa para chocar, para abrir caminho, aquele impulso básico que o adolescente tem de destruir tudo. Nada que vem anterior a você é interessante etc. Queríamos que as pessoas se interessassem pelo editorial, era até uma estratégia de marketing. Se você não consegue ser bem falado, pelo menos seja mal falado. Nós tínhamos a intenção de ir contra a tradição, então apareceram esses poetas. Eu não tinha nem lido Leminsk naquela época. Era um livro que tinha na biblioteca do meu pai, que eu considerava como sendo um poeta Concreto, e como meu pai trabalhava a Poesia Concreta melhor que eu, então não era uma coisa que eu iria ler, para não me influenciar por ele. 📖



# Severina vai a Veneza

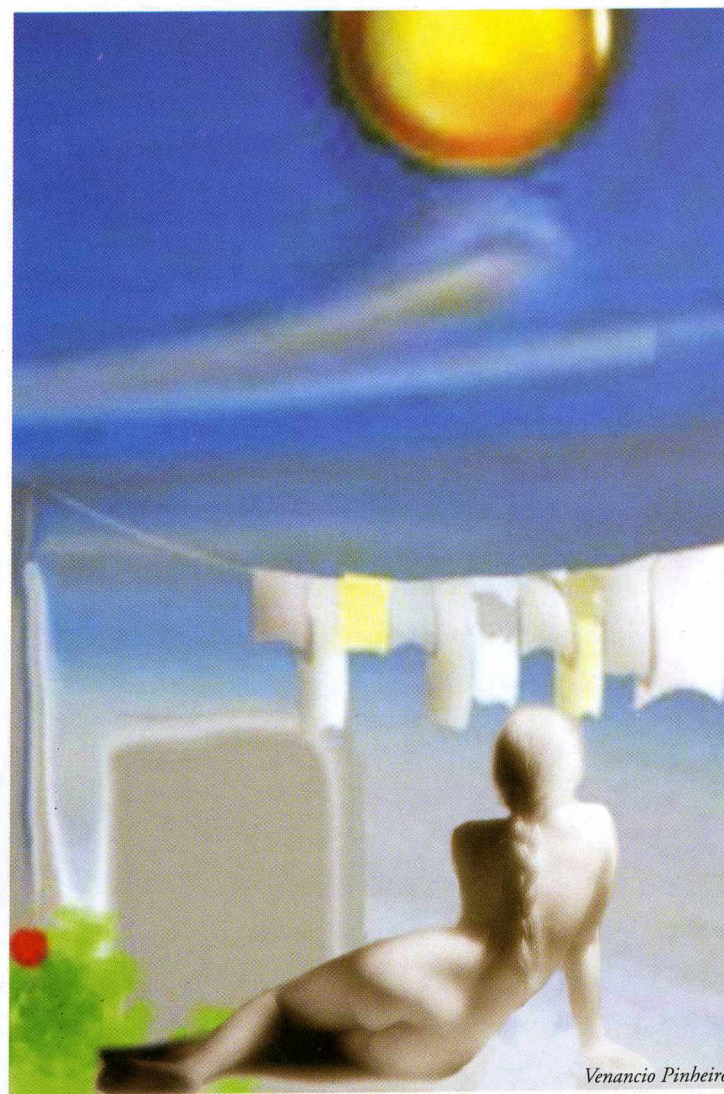
**Sheyla Azevedo (jornalista)**

Severina nasceu Severina. Mas poderia ser Marina, Maria, Joaquina, Escolástica, Cristina. Nasceu porque seus pais uns meses antes conheceram-se num parque de diversões. Passearam na roda-gigante chupando din-din de batata-doce e de coco queimado e com os lábios e dedos adormecidos pelo gelo e pelo sentimento que começava a desabrochar, apertaram-se um contra o outro, por medo de despencar lá de cima. Naquela mesma noite, Manoel Jerônimo - era esse o nome do pai da moça - já enamorado até as tampas por Florisbela, aperreou a paciência do locutor do mega-falante e ofertou uma linda "página musical para alguém que está com calça amarela, blusa vermelha e laço de fita verde nos cabelos castanhos, de um outro alguém que muito lhe quer bem". Não deu outra, nasceu Severina. Não antes de uns uís e ais por detrás da calçada alta da sacristia. Lugar onde os casais menos abastados costumavam trocar juras de amor eterno, antes que a morte os separasse.

Já começando a amadurecer o talo, nos tempos em que os hormônios começaram a precisar ser combatidos, debaixo das axilas, com suco de limão sem açúcar, mãe decidiu

mandar a menina para casa de família. Ninguém sabia, mas Severina, às escondidas, passou a perder o sono e pular num pé só de alegria, pensando na cidade grande. Tão grande que seria capaz de engoli-la se não prestasse atenção ou soltasse a mão da dona fulana de tal que foi buscá-la em casa, lá nos tanques de pedra e chão de terra batida. Para a cidade grande.

Moça formada, corpo atraía olhares do seu moço barrigudo dono da casa e inveja da dona coisa. Não deu outra, saiu de lá. Cansada de lavar banheiro, casa, pratos, cachorro, roupa.



Venancio Pinheiro

Comer sobejo. Espantar gripe, catapora, adenóide (pai diria, "doença de rico") com poeira, mais trabalho e estudo (só se fosse à noite). Foi morar num pensionato. A cidade passou a ter nome: Natal. Algumas semanas depois de andar em coletivos apertados (naquela época não havia ainda bestas apertadas) já não era tão grande assim; nem perdia mais o sono. Caía durinha no colchão emprestado, nas poucas horas que lhe restavam depois de apertados dias de trabalho, estudo e trabalho. Assim mesmo, em sanduíche.

Depois do fim da primavera-verão de amor com Nestor, moço trabalhador de vigia na Casa de Saúde, Severina conheceu o longo e tenebroso inverno que prossegue às paixões desiludidas. Até então não conhecia o que era desilusão, porque não sabia o que era ilusão. Só conhecia aquele assalto que começa no olhar ora tímido, ora dissimulado, ardente e predador dos enamorados. Com o moço, ela entendeu o significado do Par de Picasso. Mas não entendia muito dessas coisas de cubismo. Entendia mesmo era de beijos e abraços.

Foi depois desse inverno abafado, de chuva com sol, que ela encasquetou de ir embora para Veneza. Coisa de quem está vareando - diria sua avó Eustáquia se ainda viva estivesse. Nesse momento da crônica, tudo fica meio incerto. Nebuloso, como a adolescência de Nosso Senhor Jesus Cristo. Alguns contam que Severina decidiu ir para encontrar um grande amor, outros arriscam dizer que ela queria conhecer novas paisagens; ou quem sabe, simplesmente, ela quisesse tornar-se uma viajante. Mas, o que ela queria mesmo era ser mais feliz e pronto. Pois, ao contrário da maioria, que por vezes parece desistir do

intento de ser mais feliz e contenta-se com aquilo que mais parece com um arremedo do esboço que acreditou um dia ser capaz de desenhar, Severina não. Nunca foi de se conformar.

Há quem diga que ela chegou a Veneza numa tarde cor de laranja e poucas espumas no céu. Parecidas com aquelas que vemos em Natal, em dias comuns de tardes comuns. Severina gostava de ver a tarde descendo e ela descendo junto na ladeira da Gustavo Cordeiro de Farias, na Ribeira. E ter aquela sensação de ar e tempo e órgãos suspensos numa corda bamba, por alguns segundos. A viagem fora até mais curta do que pensara. Bastou a ladeira, mais umas léguas adiante, e ela já pôde ver o Mar Adriático. Escuro, um pouco fétido para passar despercebido e a Ponte dos Suspiros que mais parecia uma caveira de dinossauro, adiante.

Do outro lado do arquipélago, dunas e algumas casas de telhado vermelho (dunas? Tudo bem, não era muito boa em Geografia mesmo). Subiu no barco (nas gôndolas cabiam mais pessoas do que podia imaginar). Não se importou muito e resolveu apreciar o passeio. E nesse momento, pôs-se a lembrar de pares célebres que povoam a história e o imaginário das pessoas e escritores: Helena e Ulysses; Tristão e Isolda; Desdêmona e Otelo; Marília e seu Dirceu; Pato Donald e Margarida; Frida e Diego; Camille e Rodin; o mundo era mesmo cheio de imaginação, cheio de amores. E riu consigo mesma, e displicentemente para o gondoleiro. E tomada por um desejo quase febril de não mais voltar de sua viagem - em meio à embriaguês no estômago tomado pelo querosene - atirou-se à última esperança que guardava dentro de sua alma pequenina, escondida num corpo mirrado e cheio de perebas (daquela catapora mal sarada). Severina jogou-se ao mar. E em poucos segundos, o suficiente para ninguém notar sua ausência, a moça foi engolida naquela escuridão - retiro de poucos peixes marinhos. E no mergulho vencedor, Severina quase teve certeza de ser tomada pela mão de Iemanjá, aquela mesma mulher de concreto da Praia do Meio, a quem numa dessas noites de fim de ano, sidra e fogos artificiais, fizera um pedido para ser mais feliz. Decerto era mulher de palavra. Não esqueceu. Fora cumprir em Veneza. 🇮🇹

## 13 POR 1

**Demétrio Diniz (poeta)**

Romancista: Gabriel García Márquez

Poeta: Adélia Prado

Livro: Vidas Secas

Filme: Antes do Anoitecer

Diretor/Cinema: Akira Kurosawa

Ator/Atriz: Marlon Brando

Pintor: Assis Marinho

Cantor/a: Djavan - Gal Costa

Compositor/a: Chico Buarque

Música: Cotidiano

Peça teatral: Vau de Sarapalha

Intelectual: Sheyla Azevedo

Personalidade cultural do RN: Nei Leandro de Castro

**ESCRITURA POTIGUAR**

Poemas do livro em preparo -  
**SAARTÃO** - do poeta Adriano de Sousa, que terá sete partes (saartão(I); biblion(II); kinema(III); cutelaria(IV); matulão(V); mar, ar(VI); o navio(VII)). Adriano de Sousa tem 41 anos e é autor de dois livros de poesia “Flô” (1998) e “O Alvissareiro” (2001).

## II - Biblion

### OUTRO JÓ

nô que me tomas  
 nada me subtrais  
 nunca foi meu  
 dessemelhante do que és  
 e de quem eu era  
 reconheço-me  
 não estou só  
 tenho o meu nome  
 sou jó

### ECLESIASTES

agora que sabes  
 aprende (névoas, nada)  
 a esquecer

### JEREMIAS

ai de vós, profetas  
 e poetas  
 nem mesmo os vossos  
 vos ouvirão

## III - Kinema

### PEDAGOGIA DO CINE PLAZA

aprendi  
 com Giuliano Gemma  
 em O Dólar Furado  
 que todo homem tem seu preço

com Victor Mature  
 em Sansão e Dalila  
 que o inferno pode estar  
 entre as pernas de uma mulher

com Maurício do Valle  
 em O Dragão da Maldade Contra o  
 Santo Guerreiro  
 que o sertão é o jardim  
 do demo

com John Wayne  
 em O Homem Que Matou o Facínora  
 que não existe vida maior  
 que um filme americano

com Charles Laughton  
 em O Corcunda  
 que o amor é um aleijão  
 incurável

com Buster Keaton  
 em A General  
 que sempre calamos o essencial  
 porque não há o que o diga

### MORTE

a usuária solerte  
 a contar e recontar tostões do tempo  
 que já não temos  
 enquanto revê de trás pra frente  
 velhos rolos em 16 milímetros  
 e compila cenas que nos livrem  
 do vexame de morrer  
 sem a luz  
 a banda sonora  
 as últimas palavras

## V - Matulão

### TÁTICA

tomar o partido das coisas  
defendê-las dos sortilégios das palavras  
emular o discurso demente  
o mero estar ali  
significando  
na paisagem

### PALAVRAS

algumas no bolso  
para o primeiro gigolô de confissões  
e sensações  
que me chamar de poeta  
  
outras no papel  
para subornar o suicida  
no espelho  
  
e estas  
frugais  
que almejam o relâmpago  
de um sorriso

# Canal 100

## Rubens Lemos Filho (jornalista)

Tenho guardadas, com muito orgulho, duas fitas de vídeo lotadas por imagens do Canal 100. Gravei na época em que a extinta TV Manchete exibia o que os cinemas mostraram de 1959 a 1986. Era assim: antes de cada filme, soava a trilha de “Na Cadência do Samba”, verdadeiro hino dos estádios de futebol: “Que bonito é, a bandeira tremulando, a torcida delirando, vendo a rede balançar...” Durante cinco minutos, via-se o jogo quase que de dentro de campo. As lentes do Canal 100 captavam em câmera lenta todos os lances, do belo drible ao frango, da comemoração do torcedor ao apito estridente do árbitro.

Confesso: nos anos 70 o Canal 100 valia bem mais para mim que os filmes vindos logo a seguir. Valia o ingresso, incomparável era o êxtase de se ver coadjuvante da plástica da bola. Lembro-me bem de um Vasco x Flamengo em 1977. Roberto Dinamite arranca pela intermediária, vence na corrida os zagueiros Carlos Alberto Torres e Rondinelli, e fuzila o goleiro Cantarelli: Vasco 3x0, um show daquele time inesquecível: Mazarópi; Orlando Lelé, Abel, Geraldo e Marco Antônio; Zé Mário, Zanata e Dirceu; Wilsinho, Roberto e Ramon.

Tenho alguns clássicos memoráveis dormindo em minha estante. Tenho a finta elástica, desmoralizante, métrica, de Rivelino em Alcir. Riva deixa Alcir de cueca na intermediária, arranca e bate de canhota, seco, rasteiro, por baixo do argentino Andrada: Fluminense 1x0 Vasco. Em 1975. Bate a saudade e lá vou eu rever o eterno gol de Dinamite - ele, sempre ele, dando um lençol em Osmar contra o

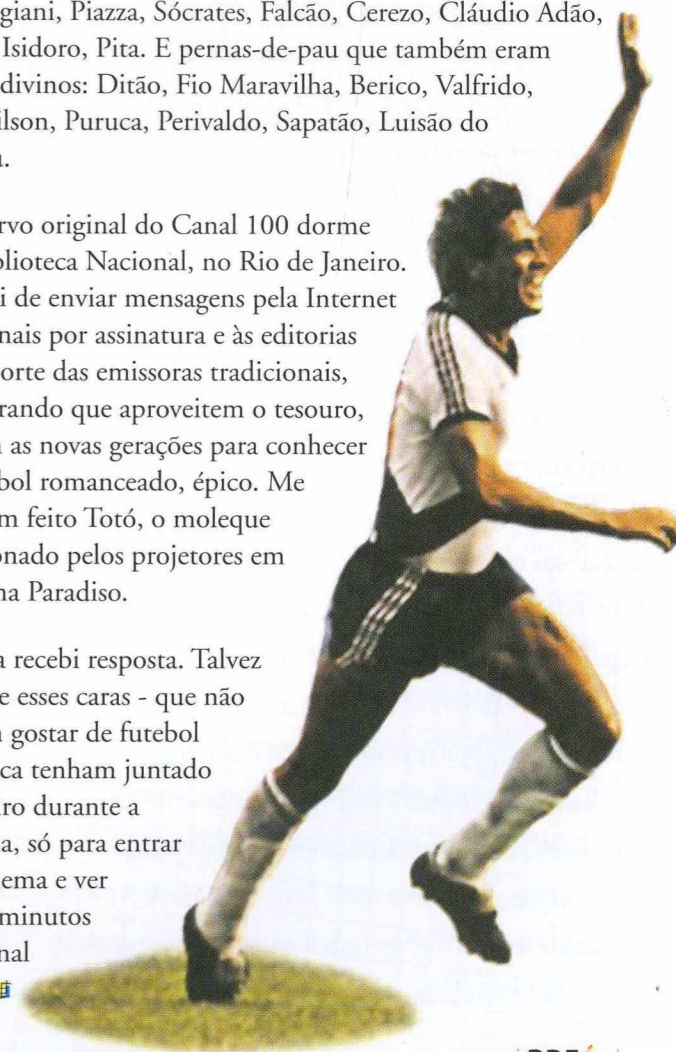
Botafogo e fazendo o gol mais repetido da história televisiva brasileira. Foi em 1976 e a imagem do Canal 100 exhibe o dom da imortalidade.

A narração de Cid Moreira é incomparável ao reverenciar Pelé: “Aí vai mais um solo, do Rei do Futebol”. E lá vai o crioulo gingando, tabelando nas canelas dos beques, entortando marcadores, entrando quase com bola e tudo. Também na voz de Cid Moreira e nas imagens de Carlinhos Niemeyer pode-se rever a plenitude de Marinho Chagas. No Botafogo, no Fluminense, fazendo gol de falta pela seleção brasileira contra a Colômbia, 140 mil pessoas entupindo o Maracanã. Paulo César Caju acrobático em suas embaixadas e firulas.

Craques em cinemascope: Garrincha, Nilton Santos, Zico, Reinaldo, Gerson, Didi, Adílio, Clodoaldo, Geraldo Assobiador, Coutinho, Geovani, Ademir da Guia, Tostão, Dirceu Lopes, Danilo Menezes, Pedro Rocha, Mengálvio, Nei Oliveira, Dorval, Doval, o Narciso, Jairzinho, Edu, Carpegiani, Piazza, Sócrates, Falcão, Cerezo, Cláudio Adão, Paulo Isidoro, Pita. E pernas-de-pau que também eram filhos divinos: Ditão, Fio Maravilha, Berico, Valfrido, Cremilson, Puruca, Perivaldo, Sapatão, Luisão do Bangu.

O acervo original do Canal 100 dorme na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Cansei de enviar mensagens pela Internet aos canais por assinatura e às editorias de esporte das emissoras tradicionais, implorando que aproveitem o tesouro, botem as novas gerações para conhecer o futebol romanceado, épico. Me vi assim feito Totó, o moleque apaixonado pelos projetores em Cinema Paradiso.

Nunca recebi resposta. Talvez porque esses caras - que não devem gostar de futebol -, nunca tenham juntado dinheiro durante a semana, só para entrar no cinema e ver cinco minutos de Canal 100. 📺



# O encontro do romance com a reportagem

**Carlos de Souza (escritor)**



Quando Tom Wolfe surgiu aos olhos do mundo vestido como um dândi do século XIX, a face do que ficou conhecido como New

Journalism - uma nova forma de escrever longas reportagens - ganhou contornos de uma sofisticação forçada, como as roupas do extravagante jornalista. Esse novo jornalismo, no entanto, apresenta facetas mais delicadas que podem ser vistas nas maneiras diferentes de fazer a mesma coisa e que se espalhou pelo mundo ganhando tonalidades locais.

Antes dele, um jornalista com sangue de romancista teria dado o primeiro passo. Estamos falando de Truman Capote, que ao lançar seu romance "A Sangue Frio", estava firmando as bases para o que seria chamado depois de New Journalism. Capote inicia seu romance descrevendo a cidade onde aconteceu o crime que vai relatar: o sotaque dos habitantes locais, a vestimenta, a geografia. Depois de uma extensa descrição do ambiente é que apresenta os primeiros personagens. As vítimas. E aí está a chave que liga a reportagem ao romance. O leitor tem acesso a uma lista

detalhada de aspectos da personalidade. O livro de Capote é até hoje um sucesso estrondoso.

A partir daí foram surgindo vários jornalistas com essa mesma característica. Um dos mais eminentes foi Gay Talese, redator do New York Times, que bem a propósito escreveu uma história do jornal para o qual trabalhava. "O Reino e o Poder" começa com uma reflexão sobre o fazer jornalístico para depois apresentar o diretor de redação Clifton Daniel. Mais uma vez o leitor tem direito a uma descrição em detalhes da personalidade do indivíduo, mas ganha também um mergulho profundo no seu inconsciente de um jornalista que passou de bon vivant a marido da filha de um ex-presidente. Desta vez as técnicas do romance e da apuração jornalísticas confundem-se por completo.

O que se queria fazer era uma nova maneira de abordar os assuntos sem a aridez da reportagem tradicional, excessivamente objetiva e que não dava lugar para o

**Esse novo jornalismo, no entanto, apresenta facetas mais delicadas que podem ser vistas nas maneiras diferentes de fazer a mesma coisa e que se espalhou pelo mundo ganhando tonalidades locais**

detalhamento, o corte psicológico, a observação sociológica. Tom Wolfe conta que inaugurou esse estilo de fazer jornalístico quando cobria uma corrida de carros na Califórnia para a revista Esquire e percebeu que os proletários, camponeses e pequenos burgueses

estavam criando um novo estilo de vida para a América, com seus carros, roupas e esculturas de néon.

Então decidiu que iria utilizar os recursos do romance realista do século XIX para contar aquela história sem, no entanto, fugir das regras básicas do jornalismo que pregam o compromisso com a veracidade. Segundo ele, os romancistas estavam deixando de fazer a crônica da sociedade em que viviam para se preocupar com estéreis exercícios da forma. Eram os loucos anos 60 e essa nova forma de escrever teve pela frente um farto material. Tom Wolfe foi seu principal artífice e maior divulgador. Muitos outros o seguiriam. Sua técnica consiste em valorizar a experiência emocional subjetiva, na busca de significados ocultos pelas aparências. E o que poderia ser a falha maior desse método, a pretensão de oferecer a verdade interior

**Tom Wolfe jamais toma partido, deixando sempre a última palavra ao leitor. Antes, mostra a dimensão do ridículo humano. Esse é seu maior mérito**



do indivíduo, acaba sendo seu maior trunfo. Pois depende unicamente do trabalho persistente do repórter na sua convivência junto à fonte.

Daí o estranhamento do leitor ao perceber que Tom Wolfe repete diálogos com minúcias e avança para o monólogo interior de seus entrevistados. Como o jornalista pode ingressar na vida subjetiva, no interior das pessoas e criar essas cenas recheadas de diálogos? É um terreno muito perigoso que depende muito da cumplicidade do leitor. Um leitor que precisa acreditar permanentemente que o que está sendo dito é verdadeiro. E Tom Wolfe faz isso com desenvoltura, buscando esse novo aliado, usando de seu maior talento que é o do escritor repleto de referências que passam por Émile Zola e Fiodor Dostoiévski e encontram ecos em Mark Twain, Jane Austen, Thackeray e Bernard

Shaw. Com essa técnica, o escritor leva ao leitor os diálogos mais estranhos, exóticos, surpreendentes. Sempre com uma familiaridade que beira a sedução. Depois de ler uma ou duas páginas de uma reportagem de Tom Wolfe, o leitor entrega-se totalmente ao seu jogo ou então recua horrorizado e não volta mais à leitura. O seu sucesso depende da empatia, da aceitação de um acordo negociado entre autor e leitor de que a verdade é um elemento indiscutível.

Ao escrever um texto sobre determinado grupo social, Tom Wolfe sempre toma de empréstimo o modo de falar dessas pessoas. Mas, às vezes, exagera no tom quando deseja ironizar ou ressaltar defeitos e manias de determinadas pessoas. Isso pode causar uma certa resistência do leitor mais crítico que vai perceber a falta do mínimo de distanciamento do repórter com relação ao fato noticiado. E na maioria das vezes, ele dá a impressão de que as opiniões emitidas em sua reportagem são mais suas do que da pessoa em destaque. Wolfe não quer esse distanciamento. Na verdade, ele tem ojeriza a esse comportamento comum na profissão, pois julga que tais

Este pode não ser o estilo ideal de reportagem no cotidiano quente das redações, onde o fato imediato, frio e mal embrulhado é servido com objetividade ao leitor incauto. Mas serve, pelo menos, para abrir a mente dos repórteres no caminho da tão sonhada redação criativa

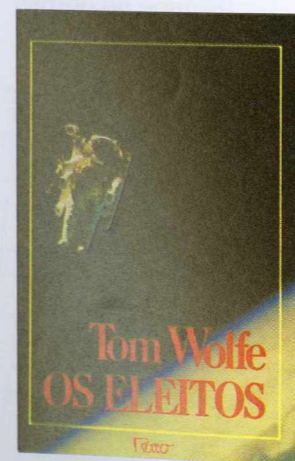
reportagens são de uma aridez, de uma chatice tão monumental que nem valem a pena serem lidas. Seu recurso principal é o humor e com isso seu texto flui sempre irônico, satírico, elegante e, paradoxalmente, distanciado das questões que ele aborda. Tom Wolfe jamais toma partido, deixando sempre a última palavra ao leitor. Antes, mostra a dimensão do ridículo humano. Esse é seu maior mérito. Ao rir dos outros e de si mesmo (pois ao ironizar pessoas macaqueando seus defeitos, o autor nada mais faz que revelar seu próprio ridículo) Tom Wolfe expõe uma das fraquezas maiores da humanidade: a vaidade. E isso nos remete a uma obra em que ele mistura o jornalismo ao romance, dando maior peso ao segundo, no caso de "A Fogueira das Vaidades".

Neste livro Tom Wolfe põe um dedo na ferida das classes altas norte-americanas que vivem em torno de Wall Street. Toda a sua superficialidade, vacuidade, estupidez na busca pelo status que nada resolve diante de uma situação real de perigo. As pessoas são mostradas em toda sua mesquinhez e absurdo ao querer um pequeno espaço na mídia, um pouco mais de dólares em suas contas bancárias, deixando de lado as noções básicas de justiça e cidadania. Apesar de não emitir qualquer juízo moral em seu livro, a lição final que o leitor tira é puramente moral. Sua capacidade de revelar os meandros de determinados grupos sociais é que faz dele um autor original. Vejamos o exemplo de "Os Eleitos", em que Tom Wolfe narra as estripulias do programa espacial norte-americano. Seu ponto de partida é uma minúscula comunidade de pilotos de teste e sua secreta fraternidade de heróis suicidas. Há também uma busca desenfreada pelo status de serem os primeiros a conquistar o espaço sideral. Além de mostrar que a vaidade, a falta de escrúpulo e a burrice foram normas essenciais para a implantação de um programa de vital importância para a humanidade, Wolfe mostra como o ser humano pode ser tão pequeno diante da grandiosidade da tarefa. E como são heróis em sua mediocridade.

Depois de ler alguns livros de Tom Wolfe só resta ao leitor uma indagação. O que ele está querendo dizer? Talvez uma das explicações esteja no estranhamento provocado por um livro como "O Teste do Ácido do Refresco Elétrico", em que ele conta as alegrias e vicissitudes do escritor Ken Kesey, autor do aplaudido romance "Um Estranho no Ninho". Um promissor romancista decide abandonar tudo e cair na estrada em um ônibus repleto de pessoas esquisitas, embaladas ao som de rock e entupidas de LSD. Tom Wolfe mergulha no universo, na imaginação e linguajar dessas pessoas para emergir de lá com uma reportagem forte, pungente sobre um estilo de vida, um modo de pensar e agir que permeou uma geração de jovens, irradiando-se dos Estados Unidos para o resto do mundo.

Colocar em confronto duas formas de fazer jornalismo, como a do norte-americano Tom Wolfe e a do brasileiro Zuenir Ventura, não é tentar diminuir uma frente à outra. É antes tornar claro ao leitor que a criatividade pode surgir do embate entre a atividade do profissional e a realidade

Mas, talvez, para o leitor que embarca na viagem de Tom Wolfe, seu maior momento esteja mesmo nos ensaios publicados no volume "Décadas Púrpuras". Lá estão os textos que são a gênese de sua obra. De como um simples repórter despertou sua sensibilidade, aguçou seus sentidos para ouvir, olhar, cheirar e tocar na alma da América. "Bob & Spike", em que ridiculariza o mundo da arte moderna repleto de modismos; "O Último Herói Americano", em que retrata o mundo das corridas de stock cars; "As Vozes do Village Square", em que revela uma faceta do presídio



feminino do bairro; "Estas Noites Radical Chic", em que ironiza os ricos boçais que convidam Panteras Negras para suas festas e por aí vai. É sempre um corte cirúrgico no

momento da vida americana em que parece que quase todo mundo tem a sua vez de ser sacaneado.

Este pode não ser o estilo ideal de reportagem no cotidiano quente das redações, onde o fato imediato, frio e mal embrulhado é servido com objetividade ao leitor incauto. Mas serve, pelo menos, para abrir a mente dos repórteres no caminho da tão sonhada redação criativa. O fazer jornalístico de Tom Wolfe, cristalizado num modo de colocar o dedo nas feridas norte-americanas se dilui ao chegar a outras latitudes. Jornalistas de outros países buscam também renovar sua forma narrativa, fugindo da falta de criatividade do modelo tradicional que vê a objetividade como valor intrínseco. No Brasil, alguns estão se saindo muito bem nessa empreitada, como o escritor José Louzeiro ("Aracelli meu amor" e "Pixote - Infância dos Mortos"). Nosso exemplo maior é o repórter Zuenir Ventura, que estreou no ramo da reportagem longa com "1968 - O Ano Que Não Terminou" e atingiu seu ponto alto com "Cidade Partida".

Neste livro Zuenir Ventura procura mostrar como o Rio de Janeiro foi sempre uma espécie de duas cidades. Na primeira parte do livro, intitulada "A Idade da Inocência", o autor

## O encontro do romance com a reportagem

encontra na pesquisa histórica o seu arsenal de argumentação, mostrando as origens da violência institucionalizada usando como contraponto a música popular brasileira. O que o leitor vai encontrar é uma crônica bem documentada, bem escrita, com uma leveza de estilo que prende na primeira leitura. Ventura quer de início traçar um perfil de época, montando um cenário que tem dramaticidade, ambientação e veracidade. Mas Zuenir Ventura não busca proximidade com seus personagens. Vai catando aqui e ali, nas notícias de jornais, revistas e programas de rádio, detalhes do cotidiano. Vai montando uma espécie de roteiro sociológico e antropológico da cidade, com seus tipos e costumes. Aos poucos, a personagem principal, a violência, vai dominando o cenário.

Na segunda parte, adequadamente titulada como "O Tempo dos Bárbaros", o repórter muda de tom. Agora ele está no centro dos acontecimentos. No calor da batalha diária que ceifa vidas inutilmente nas favelas cariocas, no asfalto, em todos os lugares. Ao contrário de Tom Wolfe, não há ironia, sátira ou sarcasmo. O tom de Zuenir Ventura que ainda se permitia algum sorriso na parte anterior, agora é sério como a situação exige. Não há mais inocência, é como se estivesse dizendo, e algum dia houve? O texto prende pela sua riqueza de detalhes, do volume de informação e seu compromisso com a veracidade dos fatos. O estilo de Ventura afasta-se abismalmente de Wolfe. Afinal, são duas realidades bem

distintas. O capitalismo rico e boçal diante de sua face mais escura que é o resultado de sua política na América Latina. Os paradoxos de um país pobre que abriga tanta riqueza refletida no espelho de uma cidade que é seu emblema.

O distanciamento da primeira parte do livro transforma-se na máxima aproximação na segunda parte, em que Zuenir Ventura entrevista seus personagens e reporta as vozes tal qual são expressas no cotidiano de cada um. A voz do marginalizado vem à tona sem disfarces, sem ironia sempre de forma crua e direta. Esse é o estilo de um novo jornalismo à brasileira. O testemunho de um profissional que se recusa a fazer a parte burocrática do jornalismo que evita o contato direto com as fontes. Para fazer seu trabalho, Zuenir Ventura não se traveste com os costumes de seus personagens. Prefere conversar com eles, de forma franca e aberta, para depois transmitir essas opiniões aos leitores. Essa é uma forma nobre de jornalismo.

Colocar em confronto duas formas de fazer jornalismo, como a do norte-americano Tom Wolfe e a do brasileiro Zuenir Ventura, não é tentar diminuir uma frente à outra. É antes tornar claro ao leitor que a criatividade pode surgir do embate surgido entre a atividade do profissional e a realidade. Os meios dos quais ele dispõe para exercer seu ofício com brilhantismo e qualidade estão na sensibilidade de cada um, na experiência acumulada com o trabalho e na leitura de outros profissionais. Em seu contato direto com as fontes literárias que vão lhe dar respaldo para criar. É na utilização dessas fontes que seu trabalho pode fugir da medianidade. ■

## Misticismo e revolta em "Apostasia"

**Tácito Costa (editor)**

Embora tenha se destacado em concursos de poesia realizados nos últimos anos - ("Guincho", "Zila Mamede" e "Luís Carlos Guimarães" - 2º lugar em 2002) -, Mário César Rasec ainda é pouco conhecido na cena literária potiguar. É possível que agora com a publicação do seu primeiro livro, "Apostasia", pelo Sebo Vermelho, ele passe a receber uma atenção maior. Merece.

"Apostasia" é um livro digamos, diferente, no contexto da poesia feita em Natal nos últimos anos. E as chaves ou senhas para o seu possível entendimento começam pela capa, que traz um anjo pintado pelo próprio autor, que trocou as artes plásticas pela poesia, e o título "Apostasia" (AURÉLIO: abandono de crença, partido ou opinião).

São palavras chaves para adentrar no universo poético de Mário César Rasec fadas, anjos, veneno, ceticismo, desolação, desespero, aspereza. A mitologia grega também é bastante usada. Estão lá Hefestos, Prometeu, Bacantes, Cérbero, Ciclope, Perséfone.

Há ainda a perpassar toda a obra um paradoxal misticismo, que, se constata a morte de Deus e canta um mundo desolado, onde todos estão abandonados e condenados,

recupera anjos, bruxas, gnomos, elfos e fadas. O que pode significar que o poeta está atualizado com o mundo à sua volta.

Como é uma poesia que comporta muitas referências explícitas (Baudelaire, Novalis, Shakespeare, Nietzsche, mitologia grega) não é difícil apontar aquilo que o crítico Harold Bloom chama de "angústia da influência".

No prefácio o jornalista e crítico literário Nelson Patriota vê na poesia de Mário César ecos do filósofo Nietzsche, principalmente do livro "Zaratustra". Eu acrescentaria um outro filósofo, Emil Cioran, de quem o poeta se apropria do pessimismo, desespero e da total falta de sentido do mundo e da vida.

Mário César faz uma poesia revoltada. Creio que essa frase é a que melhor define sua poesia (se essa definição coubesse numa frase. Não cabe). Embora também mire o próprio umbigo, não cai no fácil lirismo das "dores de amor" que inunda a poesia potiguar desde os tempos mais antigos.

Por caminhos diferentes, apenas para termos uma referência poética local, vejo proximidades entre a dicção dele e a do também poeta Miguel Cirilo. Fazem poesias bem distintas, mas ambos perseguem uma poética livre de plumas, paetês e lantejoulas, com forte teor filosófico e místico.

"Apostasia" é um livro feito para incomodar, por isso não deverá agradar aos que não querem ser incomodados, com versos como esses do poema "Horizonte Infortunado" ("Nada há de tão desagradável quanto a esperança"), ou esses de "Rebentos do Ventre Promíscuo" ("Às vezes, a verdade é uma questão de ajuste/Mas eu sou verdadeiro em minhas dissimulações"), ou ainda esses de "Congregação dos Retardatários" ("Na fraternidade eu recolho as cinzas das dissimulações").



São poemas que arrematam contra tudo e contra todos. Principalmente contra a hipocrisia. E é sobre uma humanidade devastada que o poeta constrói sua dicção. Não há redenção possível em "Apostasia". Só a dor de termos nascido homens. ■



# Teatro? Pra Quê?

## Henrique Fontes (ator)

Comecei essa minha andança curiosa pelo mundo do teatro há uns 15 anos. Falando assim em números com dois dígitos pareço um experiente senhor das artes cênicas, mas não sou. Sou apenas um ator em eterna formação nessa arte de contar histórias e, sobretudo, recontá-las. Tenho 28 anos e comecei com quase 13, representando uma peça que eu mesmo escrevi, dirigi e atuei no saudoso Teatro Jesiel Figueiredo. E você acha que eu era o único louco desocupado nessa empreitada? De jeito nenhum. Havia mais 15 amigos dispostos a se divertir e fazer os outros rir. Ensaíamos quase um ano e fizemos uma única apresentação da “Tragicomédia da Educação Brasileira com final feliz”.

Foi uma grande festa, lotamos o antigo teatrinho do Alecrim numa noite inesquecível

para pais e filhos. Nenhum crítico de plantão detestou nossa obra e apesar do operador de luz do teatro rir mais dos erros e das trocas de cenário do que das falas cômicas da nossa tragicomédia, decidimos ali formar o nosso grupo de teatro, surgia assim o AHAZRAGIVA.

Claro que o tempo passou e mesmo ficando juntos ainda por mais duas outras montagens (“Cinderela à Brasileira” e “H. Romeu e Juliteta”), o AHAZRA... foi arrasado, não resistiu a auto-crítica do nosso amadurecimento e ficou no passado (de poucos, tenho consciência).

Mas, a minha inquietação não parou por ali. Todos começaram a levar sua vida cotidiana, traçando seus planos pessoais de futuros promissores e carreiras bombásticas e eu não conseguia pensar em outra coisa. Queria estar no palco. Queria ver as pessoas rindo e envolvidas com as histórias. Queria criticar as situações de injustiça social. Eu queria mudar o mundo!

Pois é, o tempo passou, o mundo continuou o mesmo (um pouco mais violento é verdade) e aí veio a universidade para Jornalismo (porque se eu optasse por artes cênicas, eu seria

cortado da herança de família), farras, viagens e até que numa dessas aventuras encontrei um bando que, desde o tempo do meu falecido AHAZRA... , sofria das mesmas inquietações que eu. Um povo meio mauricinho demais para o meu gosto, mas com uma conversa agradável. Convidaram-me para fazer parte do Grupo deles que, aqui entre nós, tinha um nome muito americanalhado: CLOWNS DE SHAKESPEARE, vê se pode? Topei.

Começamos uma longa jornada de dois anos conhecendo o que era afinal essa arte que vive em crise e da crise e que ao longo dos séculos vem divertido uns, revoltando outros e garantindo a 90% das pessoas que a fazem uma vida de presente financeiramente incerto e futuro assustador.

Durante esses dois anos e nos outros seis que seguiram, nunca meu sonho de infância foi tão realizado. Estivemos em cena. Divertimos

peças. Procuramos falar das injustiças sociais e da vida que não é vida em cena. Conseguimos até construir o nosso próprio teatro e mais do que isso, trocar esses conhecimentos com outros de outros cantos. “Consegui!” - pensava eu - Mostrei que era possível viver de teatro, mas será que é? Por quanto tempo vou conseguir fazer isso, ganhando tão pouco e de forma tão incerta? Pior que isso... Pra quê tudo isso? Pra quê fazer teatro? E pra quem? Será que o público em geral (trabalhadores que passam de 8 a 12 horas fora de seus lares) vai continuar se dispondo a entrar em casa correndo num fim de expediente, comer rápido, pegar um ônibus, ou carro, para chegar na hora de assistir uma peça que dura cerca de uma hora e meia e depois correr de volta pra casa e, com sorte, dormir antes da 1 da manhã? Quem escolherá isso como divertimento quando se podem ter alguns minutos de distração deitado em sua cama assistindo a TV? Qual seria realmente a diferença em ir assistir uma história ser contada ao vivo em um teatro, ou na sua novela favorita? Não é tudo “contação” de história?

Então, pra quê teatro? Pra quê? 📺

# Martins

Onde a natureza inspira a cultura

Gustavo Porpino (editor-assistente)

*Martins, a 384 km de Natal, não é apenas um lugar de clima agradável. É uma terra de gente contemplativa. Lá no alto da serra, moram muitas pessoas com histórias para contar. Os poetas Raimundo Fernandes e Ivaldo Mello, o pesquisador Francisco Marcelino Júnior, o artista plástico Raimundo Damasceno e o músico Luis Leite Neto são algumas das figuras mais fascinantes da cidade.*

- O poeta do caderninho azul

- O guardião da memória

- Natureza e fé segundo Raimundo Damasceno

- "Fazer livro é coisa pra doido"

- Acordes de amor e resistência

## O poeta do caderninho azul

"O tempo e o pensamento são os dois fatores que mais influem na vida humana".

A frase pode ser lida na parede do Dinho

Bar, em Martins, mas o autor se apressa

em dizer aos curiosos que não é poeta.

Raimundo Fernandes dos Santos, o Dinho,

é um martinense típico, autor de frases que

sintetizam com perfeição a vida de quem

prefere observar o mundo do alto da Serra de

Martins.

O bar de Dinho de Zé dos Santos aparenta ser

um boteco de interior como outro qualquer.

Ao entrar naquele ambiente simples com duas

mesinhas, tamboretas e um balcão, poucos

imaginam ter escondido ali um caderninho

azul, no qual, cuidadosamente, Dinho passa

para o papel seus pensamentos e coleciona

frases de vários autores.

"Sou nada não. Apenas um autodidata.

Quando estou inspirado, passo para o papel",

afirma Dinho, enquanto passa o pano sobre o

balcão e pede para esperar um pouco. - Olhe

aqui -, diz logo a seguir, mostrando o caderno

com seus pensamentos e poesias.

O caderno, bastante manuseado, é como se

fosse uma autobiografia do autor dividida

em três partes. Primeiro, Dinho faz uma

apresentação de sua família e destaca com

letras em negrito que tem três filhos, sendo dois já formados. O

registro mais importante feito nas primeiras páginas do caderno

é a data em que Dinho parou de beber. "Não bebo desde oito

de outubro de 1998. Nunca soube beber, mas não era valente,

não...", acrescentando ainda que desde aquele dia sua vida

Depois, o autor ocupa a maior parte das folhas do caderno com

suas poesias e pensamentos. - Escrevo observando a vida com

filosofia. Apurando a realidade, explica Dinho, que não gosta

de frases compridas. Fala pouco e mostra preocupação em não

incomodar ninguém. "Sou muito reservado. Não gosto de me

expor".

Ele também gosta de lembrar que os grandes poetas se

concentram em Natal, mas vão buscar inspiração no interior.

"A poesia mesmo está no interior", diz, enquanto estica o olhar

pela porta do bar. A modernidade da capital não fascina o

poeta. Dinho só esteve em Natal duas vezes. "Assim mesmo,

porque uma vez fui ao médico. Da outra vez cheguei a passar

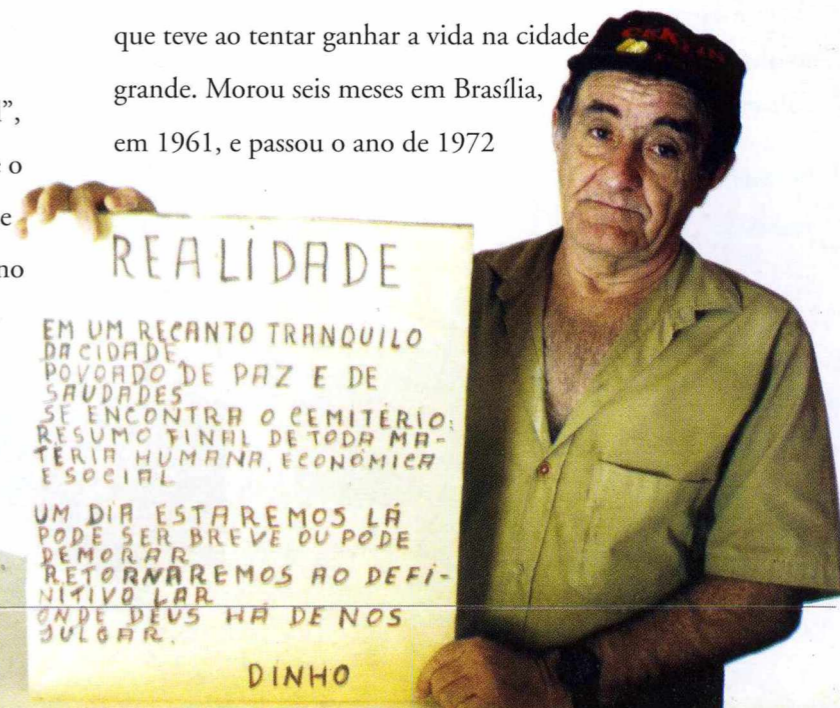
uns dois meses, por volta de 1985".

A falta de interesse em visitar Natal talvez reflita a decepção

que teve ao tentar ganhar a vida na cidade

grande. Morou seis meses em Brasília,

em 1961, e passou o ano de 1972



REALIDADE

EM UM RECANTO TRANQUILO  
DA CIDADE  
POVADO DE PAZ E DE  
SAUDADES  
SE ENCONTRA O CEMITÉRIO:  
RESUMO FINAL DE TODA MA-  
TERIA HUMANA, ECONÔMICA  
E SOCIAL

UM DIA ESTAREMOS LÁ  
PODE SER BREVE OU PODE  
DEMORAR  
RETORNAREMOS AO DEFI-  
NITIVO LAR  
ONDE DEUS HA DENOS  
JULGAR.

DINHO

trabalhando como metalúrgico em São Paulo. “Não achei emprego que prestasse”, fala, franzindo a testa e lembrando que desde 1978 abriu o bar do Dinho.

A última parte do caderninho são frases e pequenas poesias de autores desconhecidos. “Olhe, isso aí, não fui eu que escrevi, viu?”, lembra, mostrando preocupação em alguém achar que os últimos fragmentos são de sua autoria. Dinho coleciona frases e escreve desde os 10 anos, “no tempo em que os livros tinham poesia”, recorda. “Gostava mais de Olavo Bilac, mas também admirava Álvares de Azevedo, Castro Alves e Fagundes Varela”.

Por enquanto, a sabedoria de Dinho é apenas um aperitivo para quem escolhe seu bar para beber. A humildade não o deixa lutar para transformar o caderninho azul em livro. “Só se for com um crítico para corrigir a sintaxe”.

### Pensamentos de Dinho

“Os problemas da humanidade só serão resolvidos com a cultura da mente e a cultura da terra”.

“A vida é uma ilusão, só a morte é realidade”.

“Prefiro ser escravo da minha responsabilidade a ser palhaço da sociedade”.

“Política é uma seqüência de corrupção, exploração e traição”.

“Existe a fatalidade, mas existe a facilidade”.

### Pensamentos de outros autores

“Enquanto não tiveres alguma coisa para falar, não fales”.

“A verdadeira tranqüilidade nos é dada pela razão”.

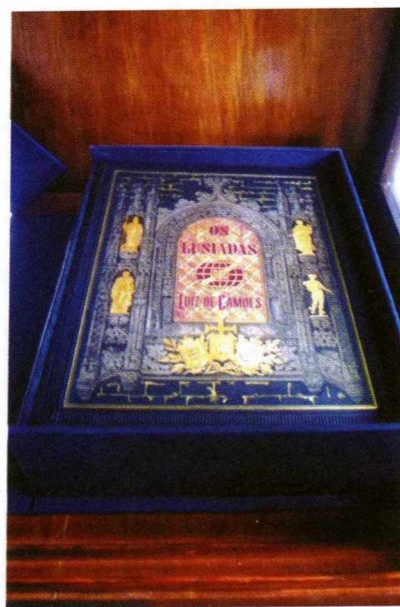
“Amigo não é aquele que dá flores, é aquele que retira os espinhos do seu caminho”.

“O homem fala, o sábio cala e o tolo discute”.

“O homem foi feito para a luta e não para o repouso”.

## Museu abriga raridade literária

O prédio da escola estadual Almino Afonso, educandário mais antigo de Martins, serve de sede para o “Museu Demétrio Lemos”. Os destaques do acervo são um exemplar de “Os Lusíadas”, de Camões, publicado em 1880 e oferecido a D. Pedro II pelo editor português Emílio Biel, e diversas estatuetas de bronze em estilo art nouveau do acervo pessoal do oficial



do exército Demétrio Lemos, falecido em 1943.

“Temos um acervo de mil livros antigos, o mais antigo deles é de 1845”, afirma Eliane Maria Pereira da Silva, diretora da Escola, que admira também uma caricatura de Tiradentes, datada de 1890, feita a carvão.

## O guardião da memória

Quem passa em frente à casa 48 da rua Demétrio Lemos, em Martins, não imagina que pode encontrar naquele endereço o maior acervo de fósseis do Estado. A residência do pesquisador Francisco Marcelino Júnior guarda mandíbulas de mastodonte (ancestral do elefante) quase intactas, vértebras de preguiça gigante e diversos outros fósseis de animais pré-históricos.

Marcelino despertou sua curiosidade pela paleontologia, ciência que estuda as formas de vida existentes em períodos geológicos passados, em 1988, quando uma equipe da UFRN fazia pesquisas na Casa de Pedra, caverna mais visitada de Martins. O pesquisador guarda até hoje o resultado daquele estudo, publicado pelo professor francês Armand François Gaston Laroche, arqueólogo responsável pelas principais descobertas no sítio pré-histórico da Casa de Pedra.

“Professor Laroche trabalhou até os 94 anos, o trabalho que ele fez foi arqueológico”, explica. O arqueólogo francês, falecido há três anos, e a equipe da UFRN publicaram os resultados das pesquisas em três volumes. “Os trabalhos de estudos dos sedimentos da Serra de Martins são feitos desde 1924”, lembra Marcelino, acrescentando que “muitas pesquisas já foram feitas, mas são pouco divulgadas ou não se completam por falta de verba”.

As pesquisas arqueológicas na região não são recentes, mas as descobertas de fósseis de grandes animais tiveram início há cinco anos nas proximidades do município de Antônio Martins. Marcelino Júnior fala com desenvoltura sobre os fósseis encontrados. “Tem muitos fósseis por aqui do período pré-cambriano, o material coletado chega a ter 752 milhões de anos”.

- Um museu de paleontologia é meu maior sonho. Pretendo chamar a atenção da comunidade científica -, salienta Marcelino Júnior, considerado pelo povo de Martins um dos homens mais cultos da cidade. “O problema maior é que a gente vai sentindo o peso dos anos e não vê ninguém que possa continuar este trabalho”.

Marcelino Júnior nunca estudou arqueologia em um banco de universidade. Boa parte do seu conhecimento é fruto da convivência com os professores Laroche e José Nunes Cabral. Professor Cabral, ex-diretor do Museu Câmara Cascudo, esteve diversas vezes em Martins estudando as cavernas da região. “Descobrimos 11 cavernas, a maioria não está aberta para visitação”, lembra, deixando escapar um sentimento de revolta com os turistas que costumam fazer pixações e deixar lixo nos locais visitados.

“Alguns chegam a quebrar estalactites, é um absurdo, tem que haver um trabalho de conscientização”. As estalactites, forma colunar pendente dos tetos das cavernas, levam milhares de anos para se compor.

“Sou favorável a visitas orientadas por guias”.

O pesquisador acredita já



ter provas da passagem de caçadores nômades pelas cavernas da região. Marcelino Júnior atenta para as curiosidades em torno dos fósseis encontrados na Serra de Martins. Uma pedra lapidada com o formato de um pé merece maior atenção entre os seus achados. “Os nômades tinham o pé da mulher como objeto de admiração, as esculturas são sempre do pé direito”.

Marcelino lembra que é possível afirmar que um dia a paisagem de Martins já foi de serra e mar. “Os fósseis de moluscos e peixes estão entre os mais comumente encontrados”, destaca, ressaltando que ainda há muito a ser descoberto. “Lajedo Soledade tem pinturas, nós temos cinco sítios arqueológicos só com gravuras e pegadas ainda não identificadas”, diz enquanto aponta para fotografias de “pegadas gigantes encontradas ao pé da serra”.

O trabalho de Marcelino Júnior não está limitado à paleontologia. O pesquisador dedica parte do seu tempo ao que chama de resgate histórico-cultural de Martins através de fotos antigas. Ele adianta que pretende publicar um livro. “Já tenho muitas informações que não constam nos anais da história de Martins. Daqui que outra pessoa resolva fazer isto, já tem se perdido muita coisa”.

A dedicação de Marcelino Júnior ao estudo do passado de Martins faz lembrar o trabalho desenvolvido pelas arqueólogas Niéde Guidon,

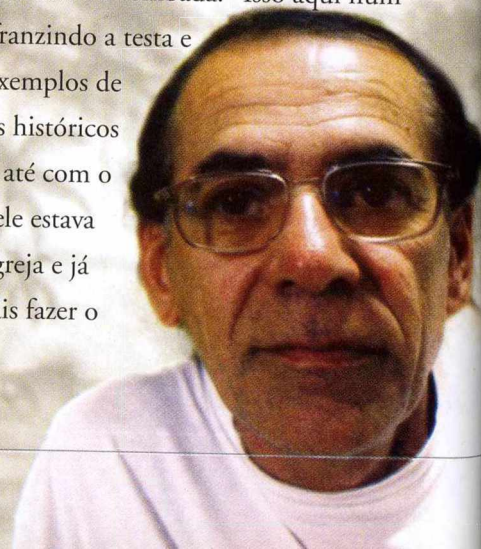
responsável pelos achados em São Raimundo Nonato (PI), e Gabriela Martin, autora do livro Pré-história do Nordeste do Brasil. “Só preciso de mais apoio”.

## Natureza e fé segundo Raimundo Damasceno

Raimundo Damasceno é artista plástico, amante da natureza, martinense e nascido há uns dez mil anos atrás como dizia Raul Seixas. É assim que o pintor mais conhecido de Martins gosta de se apresentar aos que o visitam na rua Desembargador Hemetério, 172. Raimundo é tão exótico quanto suas pinturas de aves silvestres, índios e paisagens da serra.

O pintor também dedica parte do seu tempo para criar ornamentações de altares e esculturas de barro. Raimundo é quase um obcecado pela preservação dos prédios históricos. “Tenho pavor a construções feitas com tijolos furados”, comenta. “Já derrubaram casas em Martins feitas toda de pedra, isso me revolta”, salienta, mostrando sua indignação pelos que não se importam em preservar a história da cidade.

- Sou amante da natureza, mas meu sonho é terminar minha vida numa cidade antiga. Damasceno não parece acreditar que Martins venha um dia a ser tombada. “Isso aqui num tem mais jeito”, diz, franzindo a testa e enumerando alguns exemplos de depredação de prédios históricos da cidade. “Já briguei até com o padre Walter porque ele estava mexendo demais na igreja e já avisei que não vou mais fazer o presépio este ano”.



Segundo ele, estão acabando com o patrimônio histórico de Martins. “Os janelões estão sendo substituídos, o centro não devia ter este calçamento e cadê um museu de qualidade?”. O artista plástico menciona a cidade de Pirenópolis (GO), famosa pelo seu casario colonial preservado, como um exemplo a ser seguido. “Um dia ainda irei conhecer essa cidade”, comenta. “Quero conhecer as técnicas utilizadas para reconstruir prédios históricos”.

As pinturas de Raimundo Damasceno são inspiradas na natureza. O artista pinta em seus quadros sua visão do mundo. Pássaros, paisagens da Serra de Martins e temas religiosos. “Mesmo que estivesse no centro de uma guerra, meu pensamento se voltaria para o criador e retrataria a natureza”, destaca, mencionando ainda sua admiração pela vida de São Francisco de Assis, santo mais identificado com a natureza e os animais. “Já pintei quadros com ele, não sou devoto, mas admiro muito a vida que ele levou”.

A religiosidade está presente em cada detalhe da vida do artista plástico. Raimundo chegou a ser seminarista, mas preferiu seguir o dom da pintura. “Adoro a solidão. É nesta hora que me identifico mais com o criador e também busco inspiração para a pintura”. Raimundo parece preferir o convívio com os animais. “Gostaria de morar sozinho num sítio”, comenta enquanto passa a mão na cabeça da cadela Bolinha, sua companhia de todas as horas. “Mas não pense que sou desses que gosta de viver só e termina cometendo suicídio...”, avisa.

## “Fazer livro é coisa pra doido”

O poeta Ivanaldo da Costa Mello, filho do maestro Janjão, é reverenciado pelo povo de Martins como um dos maiores pensadores do alto da serra. Ele tem jeito de matuto e não nega o gosto pelas coisas da terra. “Sempre gostei de agricultura e desde menino gostei de pensamento, isso é coisa que nasce com a gente”.

Pensar, segundo a sabedoria de Ivanaldo, é uma arte. E ele dedica cada minuto do seu tempo livre para soltar a imaginação em forma de pensamentos manuscritos em folhas de papel. “O pensamento é minha paixão. Tudo o mais me é secundário e menor”, costuma dizer entre uma e outra observação sobre temas da atualidade.

Autor do livro “Pensando Além”, editado em 1998, Ivanaldo é atento e gosta de opinar sobre tudo a seu redor. Não deixa passar nada sem fazer uma referência. “Que arrumação é essa de me entrevistarem?”, questionou com um olhar desconfiado ao saber que seria tema de uma matéria jornalística.

Mas o ar de desconfiança cede lugar à sua feição humilde rapidamente. Poucos minutos de papo são suficientes para comprovar que o poeta Ivanaldo pensa diferente. “Quando estou só, sinto-me mais acompanhado”, diz, sendo interrompido pela esposa Maria Leite de Mello. “Ele troca a noite pelo dia, às vezes passa a noite rabiscando e escrevendo”, comenta Maria.



- Agora com a tal da Internet, ninguém mais quer saber de ler -, diz Ivanaldo, fazendo uma referência à falta de interesse dos jovens pela literatura clássica. Ivanaldo de Janjão também foi aluno do Grupo Escolar Almino Afonso como quase todos os martinenses. Os livros de Castro Alves, Cassimiro de Abreu e Álvares de Azevedo, leituras obrigatórias no seu tempo de estudante, despertaram o seu interesse pela Literatura.

“Só fiz o primário, sou autodidata, mas meu trabalho tem pouca importância. Se tivesse estudado, seria um jornalista de primeira”, revela, destacando que também gosta de escrever crônicas.

Ivanaldo lamenta não ter acesso à leitura de jornais. “Tenho lido a revista *Veja*”, comenta, enquanto apanha um exemplar no armário da sala e faz comentários sobre os textos.

“Roberto Pompeu de Toledo é bom, mas bom mesmo são os textos de Isabela Boscov. Dos jornalistas daqui, gosto de Emery Costa. Aliás, Emery está no lugar errado”.

Ivanaldo de Janjão tem dois livros publicados e pretende escrever mais um em breve.

“Fazer livro é coisa para doido, para quem gosta”. “Intuição Poética”, o primeiro livro dele, está com a primeira edição esgotada.

“Pensando Além”, a obra mais recente, é vendida aos turistas no Hotel Serrano e no Museu Demétrio Lemos. “Faço trovas e pensamentos, minha poesia pode ser ruim, mas o pensamento é universal”.

A humildade e o pessimismo estão presentes em seus escritos. O poeta diz gostar de textos simples e faz críticas à obra de Paulo Coelho. “Esse Paulo Coelho tem uma empresa para revisar o trabalho dele. Dou valor a quem tem o completo domínio da língua. Gosto do estilo de Fernando Pessoa e da ficção de Mario de Andrade”, destaca, dizendo ainda que até “Carlos Drummond de Andrade já escreveu besteiras”.

“Não gosto de literatura mística, Luis Fernando Veríssimo também vende muito, mas esse eu sei que é bom”. O poeta costuma tratar sua obra com desdém, mas diz que o artista só tem valor quando morre. “Não tem quem acabe com isso”, comenta enquanto segura os dois livros de sua autoria. “O que vale em arte é mídia”, acrescenta, deixando escapar que um dia espera ser mais reconhecido.

“Diga lá em Natal que ainda vou fazer um livro. E ainda quero imprimir, pelo menos, mais uns cem dos que já escrevi”. O recado está dado.

### Medida Humana

#### *A Dinho*

Uma boca que fala,  
Não significa estar falando a verdade.  
Uma prece que voa,  
Não significa ir para o céu.  
Pela frente, um longo caminho  
Não significa estar advertindo  
Que devemos recuar,  
Ou que tudo esteja perdido.  
Um passarinho voando,  
Não significa total liberdade  
Para o próximo pouso.  
Uma criança sorrindo,  
Não significa esteja saciada  
De comida e de carinho.  
E assim por diante:

Um ato não reflete o real do próprio ato  
E nem a sua seqüência.  
Cada coisa tem seu desmembramento.  
Portanto, tudo é fácil de ver,  
Mas, nem tudo dá para se compreender.  
A vida é um infinito labirinto.  
E além do mais,  
Uma intrigante e misteriosa interrogação.  
Todos julgam ter o direito de saber julgar.  
E, contraditoriamente o fazemos.  
Mas poucos julgam sabendo sentir.  
Afim de contas,  
O que se pensa deste mundo cheio de gente?  
Todos pensam igualmente.  
Cada um pensa ser mais que o outro.  
Ainda bem que existe o poeta.  
Para aconselhar o mundo.  
E ser taxado de louco.

## Acordes de amor e resistência

“Quem viveu a infância em Martins, jamais esquecerá as apresentações da Banda na Festa da Padroeira, seus dobrados, suas valsas, a magia das alvoradas e das salvas”. O

comentário do escritor Manoel

Onofre Júnior, em seu livro “Martins - a cidade e a serra”, resume a importância da “Banda Nair Austero Soares”. Os acordes da bandinha de Martins, comandada pelo músico Luis Leite Neto, filho do maestro Laédio Leite, continuam ecoando pelas ruas da cidade.

A banda sofreu com a perda do maestro Tonhé, falecido em 2000, mas Luis Leite assumiu a função do mestre que por mais de 40 anos foi responsável pela bandinha de Martins. - Tonhé é insubstituível, mas com o pouquinho que sei não deixo cair - comenta -, enquanto mostra a sede da banda e aponta para um quadro com os dizeres “o artista nunca morre, a arte tem a função de torná-lo cada vez mais vivo”.

A abnegação de Tonhé parece mesmo ter se eternizado. Apesar das dificuldades financeiras, a banda de Martins conta com 27 músicos. O número de componentes aumenta no mês de dezembro, quando a cidade festeja a padroeira Nossa Senhora da Conceição. “Muita gente boa e ainda jovem sai da banda, não tem como viver só da música”.

O quadro de sócios da “Banda Nair Austero Soares” foi reativado há um ano, mas poucos mantêm as mensalidades de cinco reais em dia. “Conseguimos alguns instrumentos com o apoio de Candinha Bezerra”, destaca Luis Leite, lembrando que “a principal dificuldade para manter a banda é a falta de recursos”.

O legado de Tonhé, autor do dobrado “Laédio Leite da Silva”, homenagem ao pai de Luis Leite, continua influenciando os jovens músicos de Martins. “Tonhé formou muitos músicos. Fazia de tudo e de coração. Muitos usam o exemplo de amor à música deixado por Tonhé como modelo”.

Aos que pensam que a banda de Martins vai sucumbir diante das dificuldades, Luis Leite avisa: “Música é o sangue que corre na veia, nunca pode parar”.



# Agora é tarde... Inês é morta?

**Aldinida de Medeiros Souza**  
(mestre em literatura)

É muito comum ouvir-se, no Brasil, quando algo é sugerido tardiamente ou demasiado atrasado “agora é tarde, Inês é morta”.

Seria esta mais uma frase corrente, e talvez banalizada pelo uso freqüente, não fosse o significado histórico e poético existente por trás. Quantas vezes esta expressão já não terá sido pronunciada ao longo do tempo? Quantas pessoas já não a terão dito sem saber de onde se origina e por qual motivo? Acontece, em relação a esse “dito popular”, um duplo desconhecimento. Algo que merece ser explicitado, pelo lugar que seus personagens ocuparam na história, bem como pela mitificação que ao fato incorporou-se. A expressão aparentemente pouco significativa para quem não conhece a história de Portugal encerra uma história de amor que tornou-se um mito lusitano secular. Nada mais, nada menos que o trágico romance de Pedro e Inês. Seus restos mortais estão depositados numa arca ricamente esculpida, no Mosteiro de Santa Maria, em Alcobaça. A história desse amor já foi cantada por inúmeros poetas e



Assassinato de Inês de Castro. (Fonte: Direção-Geral do Turismo - Lisboa - Portugal)

menestréis. Outrossim, foi escrita e consagrada tanto em prosa quanto em texto dramático, e popularizou-se como peça de teatro encenada nas aldeias portuguesas.

Ora vejamos, no Brasil pouco se sabe da origem e do significado de “Agora é tarde, Inês é morta”, pouco se conhece da veracidade de sua vida e morte. Em Portugal, pouco se

sabe que essa frase evocativa a Inês é tão mencionada por brasileiros. Diante desse “trocadilho” de desconhecimentos - de um fato ocorrido em Portugal, e embora desconhecido no Brasil, com repercussão - posso afirmar que sucede o seguinte: a história de Inês de Castro e Pedro, o cru - pela sua crueldade - é historicamente conhecida em Portugal, berço da tragédias desses amantes imortais. Porém, Inês popularizou-se mesmo foi no ditado popular, falado pelos brasileiros. E mesmo que não se saiba ao certo a origem da famosa expressão, esta popularizou-se, estendendo o nome de Inês para além dos trópicos.

Inês foi coroada rainha depois de morta, todas as honrarias de majestade recebeu-as já no além-túmulo. Sua morte, entretanto, não foi suficiente para apagar o amor que Pedro nutriu desde que a viu. Pelos versos de Camões, choraram sua agonia as filhas do Mondengo. Por ordem de D. Pedro, depois de nomeado rei, reverenciou-lhe a nobreza, desde o séquito que seguiu a trasladação de seu corpo de Coimbra, com círios acesos ladeando o percurso, até o Mosteiro de Alcobaça, onde houve o beija-mão. A nobreza portuguesa foi obrigada a prostrar-se diante de uma rainha-defunta para reconhecer que desde muito dantes Inês de Castro já fora coroada de amor por Pedro. E da grande devoção do seu amado recebeu, para seu descanso externo, uma arca de belos adornos esculturais na nave central do mosteiro, onde em frente foi também construído o túmulo daquele que lhe amaria “até o fim do mundo”.

## Agora é tarde... Inês é morta?

Inês é morta? Não. A “colo de garça”, a “linda Inês” da lírica camoniana não é morta. A história, a literatura e a língua - mesmo em sua versão popular - eternizaram Inês. Eternizaram-na tanto pela sua morte, quanto pelo seu amor, proibido, perseguido, difamado, mas, sobretudo, imortal. Inês não está morta, porque Inês é uma encarnação de Julieta Capuleto, de Heloísa, de Isolda e de tantas outras heroínas de amores impossíveis, de amores não concretizados, mas sobrepujante às circunstâncias de vida.

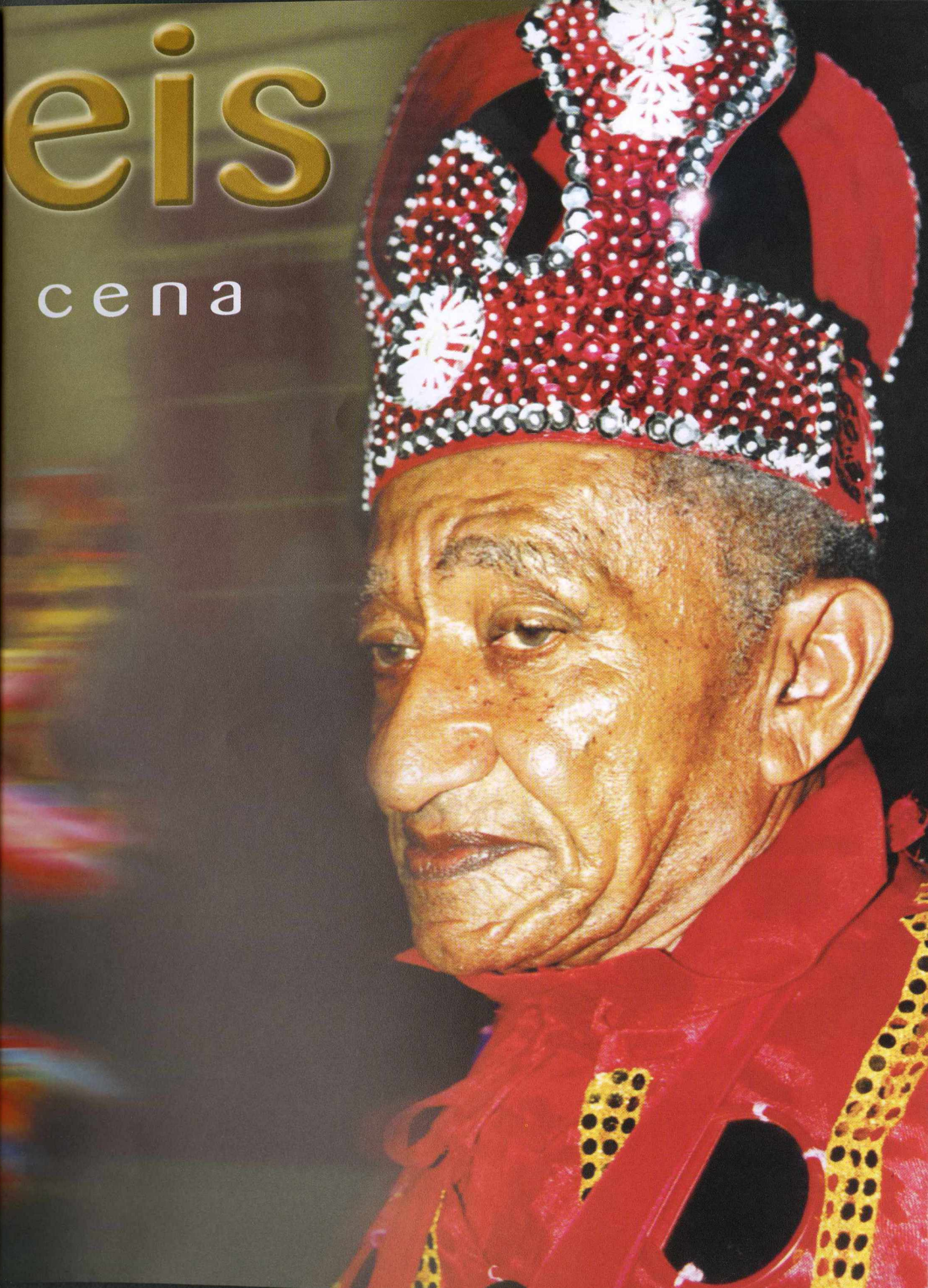
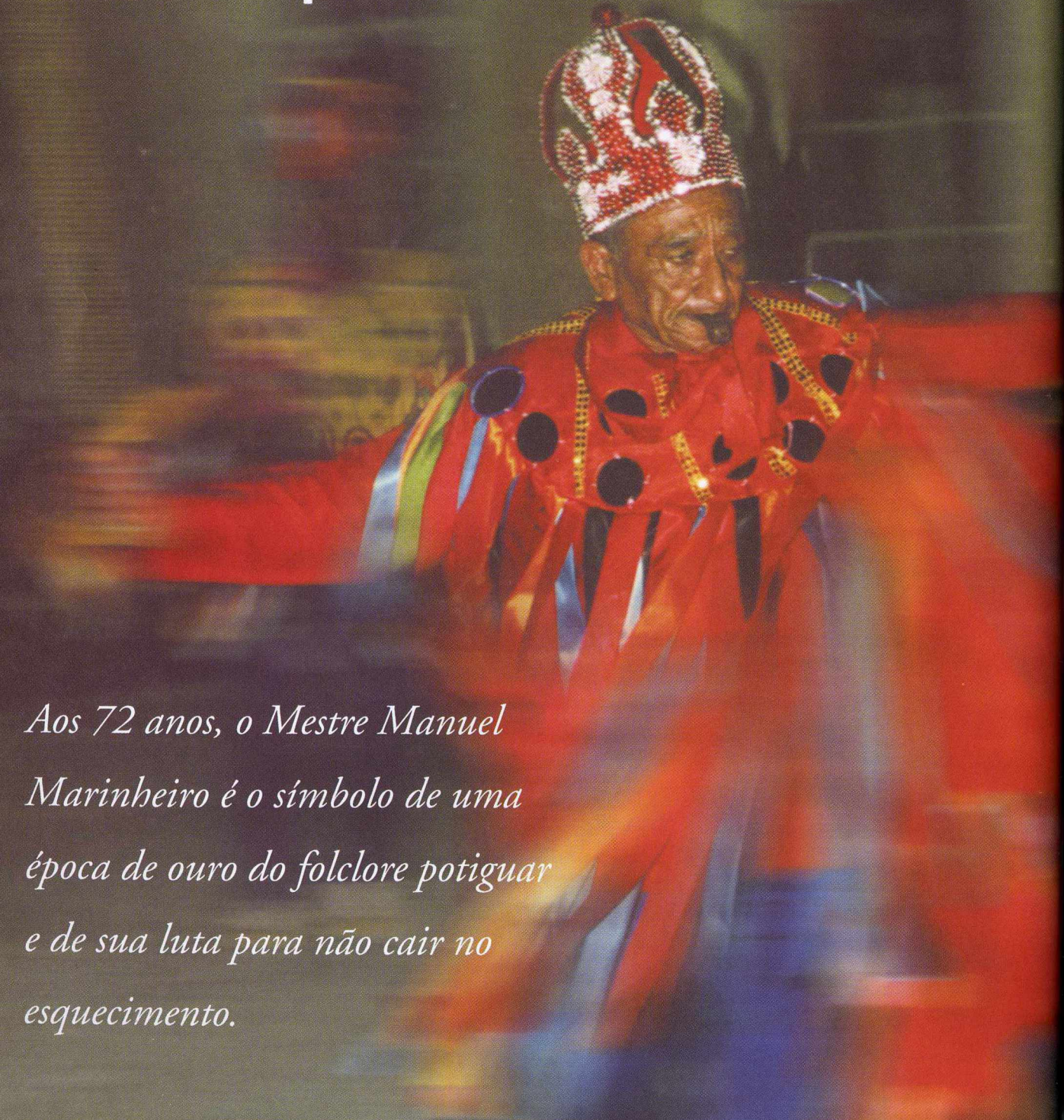
Seu amor e sua morte encontram-se num limite tênue, no qual não se pode definir se a arte imita a vida, ou se a vida imita a arte. Inês é, afinal, a literatura que realmente aconteceu e o acontecimento que se literarizou, saída das páginas de tantos escritores que não a imaginaram, enquanto trágica história de amor, mas que a escreveram, que a cantaram, que a poetizaram para tornarem arte o que a vida fez tragédia. ■

*“Tais contra Inês os brutos matadores,  
No colo de alabastro, que sustinha  
As obras com que amor matou de amores  
Aquele que depois a fez rainha,  
As espadas banhando, e as brancas flores,  
Que ela dos olhos seus regados tinha,  
Se encarniçavam, fêrvidos e irosos,  
No futuro castigo não cuidados”*

*“As filhas do Mondengo a morte escura  
Longo tempo chorando memoraram,  
E, por memória eterna, em fonte pura  
As lágrimas choradas transformaram.  
O nome lhe puseram, que inda dura,  
Dos amores de Inês, que ali passaram,  
Vede que fresca fonte rega as flores,  
Que lágrimas são a água e o nome amores.” (Luís de Camões)*

# Boi de eais

luta para não sair cena



*Aos 72 anos, o Mestre Manuel Marinheiro é o símbolo de uma época de ouro do folclore potiguar e de sua luta para não cair no esquecimento.*

Scripção Candinha Bezerra  
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO



### Alex de Souza (repórter free-lance)

Aos 72 anos, o Mestre Manuel Marinheiro é o símbolo de uma época de ouro do folclore potiguar e de sua luta para não cair no esquecimento. Nascido Manuel Lopes Galvão, na fazenda Morena, em Goianinha, 63 quilômetros de Natal, já tinha na família uma tradição de mestres em boi-de-reis. Seu pai, João Lopes Galvão Filho, herdou do próprio pai a brincadeira. “E meu avô, do pai dele...”, diz. Como os participantes do folguedo são conhecidos como a “maruja”, o termo Marinheiro logo virou sobrenome da família. Devido a família não ter as melhores condições financeiras, seu Manuel foi criado pelo padrinho, Mario Raposo Bandeira, em Natal. “Meu padrinho era doutor, engenheiro e comandante do Cais do Porto”, diz com orgulho. Nos fins de semana, corria para Goianinha para brincar no boi. Assim, quando ganhou o título de mestre das mãos de seu irmão mais velho, Zé Marinheiro, deixou de ser Lopes Galvão para ser só Manuel Marinheiro. “Meu irmão viu que eu era muito interessado, que sabia as cantigas todas, e resolveu passar o boi para mim”.

Manuel Marinheiro desde moço sempre foi muito trabalhador. Após uma passagem fracassada pela Marinha, aos 15 anos de idade, resolveu alistar-se no Exército. “Como eu era muito moço, e queria muito ser marinheiro, meu padrinho

‘arrumou’ meus documentos para eu poder me alistar. Mas acabei não me dando com a comida enlatada”. Depois do exército, a Polícia. E, após algumas transferências, foi parar em Extremoz, onde criou um boi-de-reis. Foi quando o chamaram para trabalhar na Prefeitura de Natal. Era a administração de Djalma Maranhão, que daria um apoio maciço aos grupos folclóricos da cidade. Resolveu então se mudar para as Quintas. “Aquilo é que era prefeito”. - Nós íamos todo sábado nos apresentar na Base Naval. Também fazíamos apresentações nos galpões do “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler” (projeto de alfabetização criado pelo então secretário de Educação, Moacyr de Góes) -, conta.

Dessa época, seu Manuel guarda boas recordações. “Certa feita, a turma ia se apresentar num festival nacional de folclore, era minha primeira viagem de avião. Nas comemorações, na noite anterior, soltaram um rojão que acabou incendiando o galpão do ‘De Pé no Chão...’ onde estavam todas as indumentárias do boi. O jeito foi viajarmos só com o bambelô. Nem dormimos na noite da viagem, fazendo aquela fuzarca no aeroporto. Quando chegamos no Encontro, em Porto Alegre, tinha grupo de todo canto, cada um tinha meia hora de apresentação. Éramos os últimos. Subia cada grupo bonito, com umas moças que dançavam em roda, como se fosse um botão de rosa, a coisa mais linda do mundo. A gente pensava: ‘vamos passar é vergonha’. Que nada. Quando subiu o bambelô, que tinha 32 pessoas, e começamos

*Eu sonhava dançando o boi-de-reis. E queria mostrar para Iza como era*

*A gente saiu pelos interiores, passamos uns seis meses. Era ensaiando e se apresentando ao mesmo tempo*

## MASSEIRA

(baile de sala)

Masseira das alegria,

Masseira, minha masseira,

Masseira das alegria,

Os anjos dos céus se alegra

Quando eu'stou na padaria

Ai, Juventino,

Que é seu Juvenal,

É hora de tirar leite

Meu garrote qué mamar

Balança que pesa ouro

Não pesa todo metal

Ô papai, ô mamãe,

Ô titia, ô Isabé,

Ô que dor nas cadeiras de Luzia,

ai, ai, ai

a cantar: 'O meu Natal, oh mano/Ô que terra beleza/Lá cou Paulo Afonso/Alumiando a pobreza', o povo quase não deixa a gente descer do palco".

Naquele tempo a cidade fervilhava de grupos folclóricos. "Quando trabalhei na Federação das Artes, que me lembro, tinha seis bambelocos, o Araruna, três cheganças, três lapinhas, três fandangos, o Camaleão, o Acoã, três pastoris, além das escolas de samba e dos grupos de capoeira", relata. Seu grupo tinha uns 20 marujos, mas depois diminuiu para 16. Os músicos que acompanhavam, na época, tocavam violino (rabeca), surdo (zabumba), pandeiro, triângulo. "Na época de meu pai tinha até sanfona. O grupo começava a se apresentar às 7 da noite e vinha caminhão de gente. O boi ia até duas, três da manhã, depois entrava o forró e amanhecia o dia, 7 da manhã, na festa".

Por volta de 1966, a irmã de criação, pesquisadora Mizabel Pedroza, autora do livro Folclore do Brasil, decidiu mudar-se para o Rio de Janeiro, levando-o consigo. "Fui para passar só seis meses, acabei ficando dez anos". Trabalhou como porteiro, encanador, "faz-tudo". Conheceu Odaíza, casou e, seis meses após a cerimônia, resolveu voltar para Natal. "Eu sonhava dançando o boi-de-reis. E queria mostrar para Iza como era". Quando voltou, tudo havia mudado. O grupo, que deixara ativo, encontrava-se fechado já havia algum tempo. O pessoal quando soube que ele tinha voltado caiu em cima. Logo, já estava reunindo uma turma e voltando a ensaiar. "A gente saiu pelos interiores, passamos uns seis meses. Era ensaiando e se apresentando ao mesmo tempo", afirma. Não era comum que mulheres participassem da brincadeira. "Eu resolvi acabar com isso, por que era uma besteira muito grande. Antigamente, as damas eram meninos vestidos de moça, e a rapaziada não queria mais se vestir de mulher, por causa da chacota". Dona Iza acabou se transformando na espinha dorsal do boi, assumindo a confecção das roupas e fantasias.

Naqueles anos, morava em Dix-sept Rosado, mas devido a um problema de saúde com seu primeiro filho, Rodrigo, mudou-se para Felipe Camarão, onde vive até hoje. Teve ainda mais duas filhas, Ruberlande e Ruberneide. Do primogênito, ganhou quatro netos, Kevin, Wesley, Brad e Jennifer. "Ele me disse que os filhos dele não iam ter nome de pobre", brinca.

Outro trabalho que empolga seu Manuel é criar novos grupos. Ele conta que nem lembra mais quantos já montou pelo interior. Ao ver a molecada na rua onde mora, teve uma idéia. "Ficavam os meninos tudo jogando bola na frente das casas, incomodando a vizinhança. Eu juntei tudinho e montei um boi-mirim. Hoje, não tem um na rua. Toda semana tem ensaio". Não demorou em virem os convites de escolas. "Os padres e as freiras ficavam espantados comigo: - Como é que o senhor consegue deixar esses meninos tudo quieto. É porque eu tenho disciplina. Se bagunçar, não brinca mais. Nas escolas, até os professores se espantavam com os meninos, calminhos". A única coisa que não topa mais é montar pastoril. "Só tem meninas no pastoril, e como elas crescem mais rápidos que os meninos, logo tão querendo ir namorar, ou o namorado fica proibindo elas de ensaiarem. Dá muito trabalho".

O seu grupo atual conta com 16 galantes. Além deles, tem seu Cícero, 82 anos, na rabeca. Os dois já contam com 35 anos de amizade. O filho de Cícero, Milton, é

## BURRINHA

Quem tivé por perto  
cuide logo se arredá  
que o campo tá estreito  
minha burra qué dançá

(Estrilho)

ô lê-lê-lê, ô-lê-lê

como é de sê

dança de ponta de pé

calcanhá não pode sê

(variação: calcanhá o chão não vê)

**NAS HORAS DE DEUS, AMÉM***(baile de sala)*

Nas horas de Deus, amém  
 Padre, filho e espírito santo  
 São as primeiras cantigas  
 Que neste auditório eu canto

Nossa Senhora das Dores,  
 Nos cubra com vosso manto  
 Se preguntá quem cantô  
 Hoje aqui neste lugar  
 Digam que foi os três reis  
 Brechó, Gaspá, Bartazá

Aqui vinhemos cantá  
 Como os reis cantô na corte  
 Meus senhores e senhora,  
 Deus lhe dê muito boa noite

Mariquinha do norte, iaô  
 Você vai pra Alagoas, eu também vô  
 Mariquinha do norte, canta bem  
 Você vai pra Alagoas, eu vou  
 também

quem toca o pandeiro. Mané Pequeno e Francisco fecham o grupo, na zabumba e triângulo, respectivamente. Ele conta que tem vontade de botar um sanfoneiro, mas é muito caro. Cada apresentação tem um valor entre 400 e 600 reais, que é dividido entre todo o grupo. “Toda vida me deu muito prazer, essas minhas viagens para fora, que eu gosto muito. Quando eu tinha saúde, me alegrava muito chegar nos cantos e ser reconhecido pelo meu trabalho, ser chamado para almoçar na casa de um, jantar na casa de outro. Eu me achava muito bem recompensado por causa disso, né? Agora, se fosse por causa de dinheiro, não tinha nem entrado (nessa vida)... Quando o pessoal me pergunta (por que danço o boi-de-reis), digo que foi uma herança que meu pai me deixou e eu tomei conta disso. No tempo de eu moço, para mim era o maior divertimento, eu nunca tive o esporte de beber, de jogar, de fumar. Meu esporte toda vida foi dançar”.

**O BOI DE REIS**

As apresentações antigamente eram extensas, diferente dos 30 minutos, uma hora que se gasta atualmente. Assim, tinham os cantos iniciais, de saudação, conhecidos como bailes de sala. Entre eles a Masseur, Nas horas de Deus, Amém (ao lado). Eram feitos dentro da casa, na chegada do boi. A seguir as salvas de tolda, que nada mais é que um pano de chita amarrado em duas varas, como no João Redondo. Essas cantigas pediam a abertura da porta para o boi ir ao terreiro. Depois os bailes de terreiro, com loas aos anfitriões e os baianos, cantos feitos enquanto se espera a entrada das figuras. De figura em figura, se chegava ao boi, que vinha por último. Depois das cantigas de boi, vinham as despedidas. No caso de fim de temporada de apresentações, a despedida era coroada com a morte do boi.

Seu Manuel explica o ritual de morte. O boi luta com os vaqueiros e, após duelar com o mestre, é ferido de morte. Os galantes e os presentes bebem do sangue e comem da carne do animal, na verdade, vinho tinto e carne assada previamente. “Fizemos a morte do boi numa fazenda, onde o dono tinha amarrado um touro quatro dias antes da gente chegar. Quando matamos o bicho, o fazendeiro sangrou o touro e todo mundo bebeu o sangue, misturado ao vinho”. Nojento? “Aquilo é muito fortificante”, replica. Após a matança, a armação do boi, junto com as roupas dos galantes, é lançada ao fogo. “Na armação, tem uma ripa central, que passa na coluna do boi, é a do mestre, e mais 16, oito de um lado e oito do outro, que são os galantes. Se uma delas estalar quando estiver queimando, pode acreditar que aquela pessoa não brinca o boi no ano que entra. Morre”, revela seu Manuel.

**ORIGENS**

O bumba-meu-boi é uma impressão digital da cultura popular brasileira. Indo de Norte a Sul do País é possível encontrar diversas manifestações do folguedo, que acontecem em épocas diferentes do ano. Na região Norte do país, principalmente no Pará e Amazonas, é conhecido como boi-bumbá. No Maranhão, é bumba-meu-boi, sendo semelhante ao nortista, apesar dos nomes diferentes. Pelo Nordeste, é boi-de-reis ou boi-calemba no Rio Grande do Norte, cavalo-marinho em

**CANTOS INICIAIS - SALVA DE TOLDA***(cantiga de abrição de porta)*

Abres a porta e abres se quisé  
 Se queres qu'eu dance  
 O tanguim de Guiné

Abres a porta para uns filhos teus  
 Cantá Madalena e o menino deus

Abres a porta por nossa senhora  
 Viemos de longe e queremos ir embora

Abres a porta e abres se quisé  
 Se queres qu'eu dance  
 O tanguim de Guiné

**GURIABÁ***(cantiga das figuras)*

Lá vem, lá vem  
meu guriabá  
ele vem ao circo  
para dançar

*(estribilho)*

Agora assim,  
é qu'eu quero ver  
Meu guriabá  
onde vai beber

Meu Guriabá  
é de São Vicente  
Meu guriabá  
dança bem decente

Meu guriabá  
é do pau-do-aio  
aqui mesmo bebe  
aqui mesmo cai

É de dento a dento  
é de fora a fora  
Meu guriabá  
vamo-nos embora

Pernambuco e Paraíba. Pelo Sul e Sudeste, apesar de já não ter a força dramática que apresenta nas demais regiões, aparece como reis-do-boi no Rio de Janeiro e boi-mamão em Santa Catarina.

É o mais importante dos autos populares, definidos por Câmara Cascudo em seu Dicionário do Folclore Brasileiro como “formas teatrais de enredo popular, com bailados e cantos, tratando de assunto religioso ou profano, representados no ciclo das festas do Natal”, geralmente encerrando as apresentações no dia de Santos Reis. O boi-bumbá do Norte do País, no entanto, surge no período junino e o boi-mamão, entre fevereiro e março.

O primeiro registro do bumba-meu-boi aparece no jornal O Carapuzeiro, do padre Miguel do Sacramento de Lopes Gama, em 1840, mas sua origem exata, como muita coisa no folclore, é desconhecida. “Brincadeiras de boi sempre existiram. O animal era considerado sagrado por muitas civilizações”, afirma o folclorista Deífilo Gurgel. Cascudo identifica na Península Ibérica as tourinhas, possíveis antepassados da brincadeira. Nelas, um rapaz se vestia numa armação de vime, cobertas com pano e saíam a perseguir os outros, por algazarra. O costume pode ter imigrado, sendo posteriormente modificado em terras brasileiras. Em nenhum outro país é encontrado com características semelhantes. Gurgel, em seu Manual do Boi Calemba, associa o boi ainda aos ternos e ranchos, grupos que no período natalino iam de casa em casa, visitando conhecidos e sendo recebidos com festas e banquetes, celebrando o nascimento de Jesus Cristo e as qualidades dos anfitriões com cantorias e danças.

As personagens são divididas em três categorias: humanos, animais e fantásticos. Os humanos incluem os cômicos (Mateus, Birico e Catirina), as cantadeiras ou tiradeiras do boi, soldados, índios, damas, galantes e o mestre. De acordo com as variantes, os personagens podem mudar de nome. Na Paraíba, o mestre é chamado de capitão do cavalo-marinho. O Mateus é

o Chico, ou Pai Francisco, nos bois do Norte. O Birico pode também ser Bastião ou Fidélis. Os animais e fantásticos são criaturas que se apresentam antes da entrada do boi. É uma brincadeira “antropofágica por excelência”, segundo Gurgel. “Desde que surgiu, o bumba-meu-boi foi pródigo em absorver outros reisados menores, que foram se organizando em torno da figura do boi, o reisado mais importante, que se apresentava sempre por último”, explica. Foram então “engolidas” as figuras do bode, do urubu, da ema, da burrinha e outras criaturas sobrenaturais, como o guriabá, jaraguá, ala ursa, João da Cunha, Seu Anastácio, gigante, Cão (o diabo mesmo, não o animal), o morto-vivo. Outras figuras satirizam profissionais como o Doutor, o Padre e o Fiscal.

Com o inchaço no número de personagens, o bumba-meu-boi ficou sem um enredo definido. No boi-bumbá nortista, como não há a presença dos bichos e criaturas fantásticas, manteve-se uma história, que coloca o Pai Francisco como escravo que mata o boi de seu patrão para satisfazer um desejo de Mãe Catirina. Descoberto, Pai Francisco foge, sendo perseguido pelo Capitão e depois pela tribo de índios. É capturado e liberto depois de auxiliar o Doutor a ressuscitar o boi.

Deífilo Gurgel apresenta algumas peculiaridades dos principais bois do País. “O boi do Maranhão é muito rico, autêntico. Eles têm uma vantagem em relação a nós: o povo de lá dá muito valor ao boi deles, o

que não acontece por aqui. No Amazonas já deixou de ser boi há muito tempo, virou aquele negócio americanizado, parece escola de samba. Em Pernambuco, há uma ênfase muito grande na interpretação, tem pouca cantoria e dança. O boi-mamão, em Santa Catarina, é um boi muito estropiado, desenxabido, de improviso”. E o nosso boi calemba? “O que impressiona aqui é o apego do homem do povo com a tradição. Apesar das indumentárias modestas, nas cantigas daqui é possível identificar longos trechos de dois romances, o do Boi Surubim e o do Boi Espácio. Nos outros bois, somente alguns poucos versos, já bastante modificados, foram preservados”. Os dois romances a que Gurgel se refere são narrativas em versos que datam de fins do século XVIII, período áureo da pecuária nordestina, geralmente criadas e/ou reproduzidas por músicos sertanejos que, com o passar dos tempos, caíram no anonimato. No Rio Grande do Norte, o pesquisador aponta como grande autor de romances o poeta popular Fabião das Queimadas.

As pesquisas de Deífilo Gurgel se concentraram na versão potiguar do boi e resultaram na publicação, em 1985, no livro Manual do Boi Calemba. Foram objetos de seus estudos os grupos de Mestre Pedro Guajiru, de São Gonçalo do Amarante, e de Mestre Manuel Marinheiro, de Natal. A escolha, segundo o pesquisador, se deveu à qualidade dos grupos na época, em 1977. “O de Pedro Guajiru era, de longe, o mais bonito do Estado naquela época. Já em Manuel Marinheiro, o que impressionava eram suas qualidades de mestre. Ele tinha uma memória privilegiada. Foi o melhor que conheci naquela função”, destaca. ■

Um cantinho,  
um violão  
e um grande  
projeto cultural

P R O J E T O



seis  meia

